



# O COSMOGENISTA

CONTOS

FABIANO A. SALIM



O  
COSMOGENISTA  
(CONTOS)



FABIANO A. SALIM

O  
COSMOGENISTA  
(CONTOS)

1ª edição

Belo Horizonte  
Edição do autor  
2022

Catálogo na Publicação (CIP)

---

Salim, Fabiano A.

S165c O cosmogenista : contos / Fabiano A. Salim ;  
[ilustrações: Tales Ramalho Salim]. - 1a. ed. - Belo  
Horizonte : Ed. do Autor, 2022.

128 p. : il. p&b.

ISBN: 978-65-00-55701-5

1. Contos brasileiros I. Salim, Tales Ramalho II. Título.

CDD: B869.35

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

O COSMOGENISTA [CONTOS]

© 2022 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO E CAPA

Tales Ramalho Salim

FOTOGRAFIA

Fabiano A. Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem  
a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de  
constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráfica

Belo Horizonte, novembro / 2022

1ª edição: 2022

**ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO  
COM A NOVA ORTOGRAFIA.**

Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

**Thiago de Mello**

(em *Os estatutos do homem-Atô  
Institucional Permanente*, Artigo VII)



## SUMÁRIO

O COSMOGENISTA. . . . .	11
O IPÊ ENCANTADO. . . . .	29
A PUÇANGA . . . . .	51
VER, EU VI.. . . . .	65
EM UM DIA DAQUELES!.. . . . .	81
NOITE FELIZ.. . . . .	103
O ALVANÉU . . . . .	115



## AGRADECIMENTOS

As curtas narrativas se misturam em formas, nomes. São as lendas, casos, contos, fábulas, parábolas.

Provavelmente nossos primeiros contatos com o mundo literário foram as histórias que nos contavam para dormir, tão repetidas, nunca cansativas, que nos davam, em cada narração, a sensação de serem diferentes. Ou eram diferentes as noites?

Uma coletânea de contos, no ano de 2015, foi meu primeiro livro publicado. Este é o oitavo volume, também composto de contos. Atravessando o caminho aberto na tentativa de escrever, sempre contei com pessoas que, com paciência, leram rascunhos, deram opiniões, incentivaram.

A todas, meus sinceros agradecimentos.



O COSMOGENISTA



*“Oh! Oh! Seu moço! Do disco voador  
Me leve com você pra onde você for  
Oh! Oh! Seu moço! Mas não me deixe aqui  
Enquanto eu sei que tem tanta estrela por aí”*

(Excerto da música **S.O.S.**, de Raul Seixas)



**C**ontarei minha história. Minha não, de um contemporâneo, condiscípulo de grupo escolar, de colégio. De qualquer sorte, me sinto inserido no contexto graças à grande amizade que sempre nos uniu. Criados juntos, a bem da verdade.

Ivon era um menino alegre, desejoso de brincadeiras como qualquer. Diferia na vivacidade, de admirar, incomum na idade. Ainda mais para quem morava na roça, ermo de cerrado bravio onde notícias, modismos, chegavam raleados.

O mais novo da prole. Os irmãos não cansavam de falar:

– Danado de um tanto que só falta voar!

Para ele a mansidão da vida no campo fluía na igualdade, até um sucedido, às vésperas da família se mudar para a cidade, em busca de melhores dias com a filharada já na idade de ingressar na escola; alguns até passando da hora.

Narram que pouco antes da mudança, caminhão na porta, arrumação dos pertences, o caçula desapareceu, afligindo a todos por um dia e uma noite, até que foi encontrado à beira do riacho, muito acima do ponto em que tinha o costume de se regalar, dando banho em minhocas atrás de fisgar piabas; estava com os sentidos deslocados.

Recuperado, Ivon contou que no meio da tarde anterior viu, sob a claridade do sol quente, largada no terreiro varrido ao fundo da casa, uma bola cheia de quinas, faces soltando cores para todos os lados, umas até que ele nunca tinha visto. Parou para apreciar, mas quando a bola ficou suspensa no ar, sozinha, se afastando lentamente, resolveu agarrá-la. Correu. Aquela coisa redonda voou a baixa altura, acelerando, acelerando, ele na perseguição, bufava, disparava. Chegou a um ponto em que não se impor-

tou com mais nada, indomável, arrastou no peito ramo espinhento, cerca de arame, pisou pedra pontuda, fincou pé em buraco de tatu. Seguiu até quando... Não sabia dizer. Despercebeu tudo de um instante para outro.

– Uma coisa de doido. Cadê a bola? Num sei não! – Tentava convencer os incansáveis perguntadores.

Passado o susto, o pai notou algumas manchas no corpo da criança. Saradas, deixaram pequenos calombos, nada de chamar atenção, consideradas consequências das esfoliações dos tombos durante a proeza daquele dia em que desembestou sem rumo.

Nos dias seguintes, apresentou uns tiques nervosos, suaves, coisa que só mesmo mãe para observar em filho. Com o tempo, de forma menos discreta, notavam-se algumas mudanças nas atitudes do menino: quieto, pensativo, em alguns momentos; desconfiado, agitado, em outros. Entendiam os aparentados que tais comportamentos eram resultado da história mal contada, uma desculpa esfarrapada que não entrava na cabeça de ninguém; que o arteiro quedava amuado em arrependimentos.

Isso se deu no final da década de cinquenta, mesmo período dos registros de uma série de casos envolvendo alienígenas visitando a Terra. No Brasil, o mais expressivo aconteceu no norte de Minas Gerais. Não se tratou de insignificante caso de proximidade com extraterrestres em nosso país, mas da primeira alegação de abdução da história mundial, afirmação de contato imediato que consta nos arquivos ovniológicos. Posteriormente, inúmeros fatos começaram a ser mencionados, aqui e em diversas nações, o que vem ocorrendo até os dias de hoje.

Bom! Não é o assunto em que quero navegar. Voltemos à história de Ivon. Com a transferência da família, a resenha sobre tal objeto multicolorido foi se diluindo, acabando no esquecimento. Em poucos meses de escola, a criança mostrou facetas surpreendentes: não anotava nada; cadernos fechados o tempo todo; não tirava outra menção que não a máxima. Se o assunto era o universo, lecionava, sabia muito sobre os planetas, citava alguns de que ninguém ouvira falar. Criação de sua cabeça fraca, segundo colegas, talento fabuloso, para os professores. Excetando o brilhantismo nos estudos, quando ingres-

sou no colegial era um estudante igual a todos, divertimentos, jogos, namoricos. Aos poucos foi derivando interesses. Qualquer intervalo fora da sala de aula, até mesmo em casa, se dedicava à leitura, preferência absoluta pela cosmologia.

A partir de certa data, notáveis eram seus modos distintos, como o de ficar parado passeando com o olhar em trajetória circular, vagarosamente. No resto do corpo, apenas triscos leves com as mãos. Só voltava ao normal depois que alguém cutucava:

– Tá maluco, Ivon?

Vieram as paralisias. Num átimo, nenhum movimento mais, uma estátua, a mirada achada em um ponto único. Podia estar fazendo o que fosse, seja lá em que posição estivesse. Nesses momentos, de nada adiantava tocá-lo, chamá-lo pelo nome. O retorno acontecia naturalmente, sem previsão de prazo. Foi razão para que companheiros o deixassem de lado, como por exemplo, não o escolhendo no “par ou ímpar” de formação dos times de pelada no futebol. Só mesmo quando faltava alguém. Como goleiro, nem pensar, o risco era enorme.

Chegada a adolescência, expunha aptidões extraordinárias. Esperança para uns, estorvo para outros. Eclipsou-se.

Na manhã em que bateu na porta da casa onde seus pais viveram, mais de quarenta anos tinham se passado sem que Ivon desse sinal de vida. Instalados ali, um irmão com esposa e filhos. Houve comemoração pela grande surpresa. Da fisionomia, poucos se lembravam. De suas passagens, pelo menos em parte, a população inteira tinha conhecimento. Novamente na sociedade de origem, aos poucos foi retomando os contatos. Detalhes de suas histórias rebrotavam, em especial sobre o mistério de seu desaparecimento por tanto tempo.

Contam moradores mais antigos que, à época, tudo transcorria na normalidade; ele, ainda muito jovem, considerado um daqueles birutas que toda cidade tem, despontou prevendo o futuro, desvendando mistérios nos quais até a polícia emperrava. Essa capacidade, segundo o próprio Ivon, era possível em função da assistência de dimensões paralelas, existentes em um tempo apartado do nosso, dessincronizado com o qual estamos acostumados a anotar as horas. É como

se fosse um universo à parte, mas bem próximo de nós.

De uma figura excêntrica, passou a ser motivo de inquietação para certas pessoas. Dependuraram em seus ombros a responsabilidade pelos burburinhos repicados pelas matracas, revelações do que existia por debaixo dos panos ao alcance das mãozinhas dos gatos; homens de negócio, políticos, religiosos, todos embolados no fundo de um mesmo balaio. Colocaram em sua conta delitos que não cometera; um louco varrido, rótulo, justiça de funil. Prevaleceu o silêncio de uma camisa de força, internação, veredito a lume de palha, prisão. Em um belo dia, a cela amanheceu vazia, mesmo sob cuidadoso tranca-mento, atenta vigilância.

Uma enorme brandura marcou o jeito de Ivon depois que retornou. Tinha prazer em reunir familiares, amigos, para conversas reservadas, sem os estranhos inquiridores carregados de insinuações. Nas prosas, os assuntos que trazia deixavam os ouvintes boquiabertos: reafirmava tudo o que defendia na juventude; o período afastado da Terra serviu para aperfeiçoar-se sobre um outro mundo existente em nosso meio;

no futuro viveremos de forma a contestar a lei de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, situação que poderá ser a chave para solução de muitos problemas; procedimentos de simples aplicação iluminarão as trilhas da evolução.

Repetia que nosso planeta não está preparado, mas chegará lá, embora pese, atualmente, sobre a humanidade, o que chamava de fragilidade do globo terrestre em função da exposição frequente ao extermínio: explosões de chuvas meteóricas; pandemias sequenciadas; nova grande guerra; autodestruição silenciada por ganâncias que já fazem despontar marcas negras. São as mensagens que nos chegam sem parar.

A respeito de seu sumiço, explicava que aconteceu quando notou, dentro da cela onde estava isolado, a mesma bola que vira um dia na fazenda. Acordou em outro mundo. Durante o tempo em que muitos o julgavam morto, visitava planetas diversos. Ele não era exceção. Inúmeros terrestres, com órbitos presumíveis, estão esparramados pelo universo, estudando, estudados por seres de diferentes astros, incluindo extrassolares, pertencentes a sistemas planetários

distintos do nosso. No início pensou que fora rap-tado para ser um animal de estimação, ou para o trabalho escravo. Com o passar das jornadas, percebeu que fazia parte da equipe.

Gostava de descrever o ambiente que tripulou, as adaptações sofridas com relação ao sono, alimentação, gravidade, formas de comunicação em ondas eletromagnéticas, o intercâmbio das mentes. Dizia que a aparência dos novos companheiros não se destacava muito em relação à nossa. Diferenças existiam, mas nada espantável. Eram menos pela fisionomia do que pela diversidade das cores de pele que cada indivíduo, em forma de liberdade, tinha por escolha portar, como e quando desejasse, fatos propícios à circulação deles pelas nossas ruas sem chamar atenção.

– Estão por aí da mesma forma que aqui estive, em ocasiões que julguei inoportunas para entrar em contato com os meus – confessava.

Ivon contava das viagens siderais, detalhava os avistáveis diurnos, noturnos, durante os traslados: descargas eletroluminescentes, relâmpagos globulares, rajadas de raios, ondas gravitacionais, pontos brilhantes com movimentações

âgeis, hiperbólicos anéis de poeira, tonalidades mil. Cruzou com corpos estrombóticos, veículos, ônibus espaciais de origens desconhecidas, formas diversas: cilíndrica, esférica, triangular, cônica, espiralada, ovoide. Em suas longas viagens cumpria roteiros rígidos, escalas em bases orbitais temporárias, para a coleta de dados. Havia também as definitivas, verdadeiras colônias com engenharia e arquitetura colossais. Não era cansativo, mas sentia um certo alívio, como se estivesse perto de casa, quando avistava Marte.

Conheceu planeta em que tudo era ruína, desmoronado, nenhum sinal de vida, estranhos esqueletos que se tornavam pó com uma só pancadinha. Em outro, vizinho, a poucos anos-luz, tão somente espécies de vermes, aos tufos, colubrejando. Pousou em enormes satélites onde sobreviviam apenas insetos, alternância cromática rápida, mimetismo acelerado, revoadas como ciclones, camadas espessas quando em repouso. De forma totalmente inversa, passeou em mundo de seres autossuficientes onde o elixir da vida, vontades, eram saciadas com apenas um toque, da mesma forma que Midas transformava tudo em ouro. Esteve em lugares onde os mais dife-

rentes seres, embora classificáveis entre vegetais, animais e outros reinos aqui inexistentes, fixos e móveis, híbridos, viviam unidos, em harmonia, se entendiam, conversavam entre eles. Esteve por planetas onde o avanço tornava tudo previsível, os acontecidos eram escancarados nos mínimos detalhes, não existia esconder, nem camuflagem, nada significava ser proprietário de algo, ninguém era enaltecido por ser honesto. Pisou em solos lunícolas cheios de pedregulhos, dunas, misteriosos líquidos. Cruzou proximidades de tantos glaciais. Conheceu exoplanetas que apresentavam situações tão extravagantes que era difícil até de explicar. Sobre o sistema solar, visto à distância, com seus corpos celestes em ciranda reverenciando o astro maior, dizia que é uma visão exponencial da beleza, para nunca esquecer: o infinito materializado.

Afirmava que naves pairam sobre nossas cidades, nos campos, bem próximas ao solo e que ninguém, ninguém pode notar. Muitas encontram-se na atmosfera, estacionadas, esperando o melhor momento para aprofundar contatos.

Mostrava alguns caroços que tinha pelo corpo. Não eram dispositivos metálicos, eram desen-

volvidos com a própria carne, seriam destruídos, da mesma forma que o cadáver, quando morresse: captavam informações por onde andava.

Foi inevitável. Nos mesmos moldes do que acontecera há décadas, época da sua primeira desapareição, não deixou Ivon de se envolver com os assuntos que lhe traziam sensação de desrespeito aos direitos do próximo.

– Desde que parti, pouca coisa evoluíra em se tratando da exploração, subjugação dos povos – lamentava.

Novamente avacalhou interesses. Destaque é que, na sua derradeira estada, fizera ruma de seguidores que se avolumava mais e mais. Passou a ser esperança. Passou a ser ameaça. Muitos buscavam orientações, outros o queriam longe. Nas palestras, abordava caminhos para uma ciência renovadora, os vetores da transmutação, a combinação de conhecimentos interplanetários envolvendo estrelas distantes, uma trilha para a bonomia geral que excluiria qualquer transgressão moral, social.

Em certa noite, houve festejo. Também tristeza. Meu amigo virou ponto de mira, cravado em tocaia depois de um encontro onde explanava

suas experiências a uma plateia autêntica. Mais uma vez o corpo desapareceu de forma espetaculosa. Dizem alguns que do próprio local onde fora encontrado; outros argumentam que sumiu da gaveta do necrotério. Certo é que não se pode categorizar. Para mim, nenhuma novidade. Eu esperava por isso. Sei muito bem do que ele é capaz.

Hoje, pequenos grupos de colegas, médicos, enfermeiros, me pedem para contar as aventuras de Ivon. Resolvi colocá-las no papel. Eis então.

Durante o dia, vejo a imensidão do céu de anil como morada de OVNI. À noite, fico admirando a ástrea abóboda salpicada de fluorescências, imaginando as cosmovias transitáveis, tentando adivinhar em qual dos brilhos pousarei na próxima viagem.



O IPÊ ENCANTADO  
(Pedipê)



A narração é toda de Peúva, que aprendeu com o avô a arte de contar casos, criar, adaptar. Segundo ele, o pai do pai era bamburrado de conhecimento sobre histórias do antigamente, “desde que há mundo, abinício”, como gostava de falar. Proseava como ninguém.

Peúva reproduz as palavras do ancião, um sossegado afirmador de que muitos assuntos de longe chegam até nós passando por mares, rios, estradas, pontes, sem perder o cerne, se repetindo, alterando apenas os envoltórios humanos; era orgulhoso, o carinhoso avô, por ter conhecido protagonistas que praticamente reviveram situações lá do conforme da mitologia de diferentes

países, de lendas, de relíquias e tudo mais que deram registros, muitos chegando às telas dos cinemas, aos palcos dos teatros, à literatura, ensinaram, fizeram chorar, geraram esperanças; não acreditar nisso é deixar de ter em mente que energias atravessam séculos, podem fazer repetir ocorridos, encaminham pessoas sem que elas percebam que a existência de cada uma é linha temporária, semelhante a muitas já percorridas em outras noas, distantes ou não.

Conta ainda que o velho discorria sobre a sina de pessoas que se encaixavam à de Vertuno e Pomona, de Helena de Troia; outras repisaram o exemplo de narrativas assemelhadas à do Pomo da Discórdia, à de Salmacis e Hermafrodito. E muitos mais.

A que mais gostava de narrar lembrava a tragédia de Píramo, jovem assírio que teve uma paixão proibida por Tisbe, a mais bela virgem do Oriente, conto romântico da mitologia romana exposto por Ovídio e que influenciou muitos autores depois, modelando, inclusive, o drama Romeu e Julieta. Sobre este, nosso estimado Peúva assentava palavras tocadas de amor e admiração à memória do querido avô. Assim:

“No inverno, atacado pelo rigor da seca, o ar repousa poeira em tudo que vê pela frente, deixando a paisagem como se recebesse borrifadas de um monótono marrom-acinzentado. É justamente quando certa árvore tem a chance de se esbaldar, floração belíssima, lenho resistente, casco grosso que originou, em tupi, o nome ipê. Se despida de flores, apenas sacode ao vento suas folhas, desnotadas por passantes.

Sua beleza esnobe desliza na passarela da natureza justamente quando todos os outros vegetais sucumbem à aspereza da secura, negam, recolhem suas tintas mancomunando com o descolorido sem graça da estação fria.

Sim! É no frio que suas cores aquecem nossos olhos, se mostram soberanas, beleza de flores tanto nos galhos quanto esparramadas pelo chão, mantos em amarelo, branco, roxo, rosa. Cada uma mais bonita que a outra.

Nesta época, semelhante à força de uma germinação, surgem, a todo momento, as lembranças do tempo em que convivia com o meu vovô Magnólio, saudoso Vô Mag.

O velho foi um apaixonado por ipês, contador de histórias ao redor deles. Quando bato a

vista em um florido, onde quer que me encontre, vem uma calma no espírito: é como se estivesse ao lado dele, a caminho do rancho, apontando para os tipos empanturrados de tons que destacavam nas curvas, à beira da estrada; ou que pareciam nos acenar de longe do fundo da planura, da dobra de um morro. Sinto a poeira, o sacolejar da caminhonete. Puro sabor de infância.

Se deixasse, o vô Magnólio, fazendeirão à época, trocava a boiada, o cafezal, por aleias com a planta favorita. Bater machado nas que existiam, nem pensar! Na estação em que todos reclamavam da pastaria minguada de viço, ele pouco se importava, uma vez que tinha a extraordinária contradição do ipê dando sinais de vida onde tudo parecia morto.

Recordo bem do período em que, dobrado dos setenta, gostava de reunir os netos para desfiar prosas. No vaivém, sentado em uma cadeira de balanço, madeira de lei e palhinha, que nem se usa mais, debulhava a espiga de causos que tinha grãos para todos os motes. Quando era sobre a árvore preferida, a bossa para com os detalhes, explicações, avolumava, demorava como se quisesse abrir a cabeça do ouvinte para deixar

gravado, para sempre, o apreço que tinha pela espécie.

Pândegas asas que traziam risadas a bandeiras despregadas:

– U’a vez, vi um pé de ipê...

– Vô Mag! Pedipê? Que planta é essa?

Com presença de espírito, fingindo cara fechada, engrossava a voz para responder:

– Ora, menino, põe sentido! Se tivesse prestando atenção, não ficava aí, com palestra atravessada.

Depois que se mudou para a cidade, correr atrás da saúde que a idade foi tomando e não devolveu mais, a saudade debruçou para avivar mais os relatos. Contava, repetia. Mesmo com tino avariado, misturando casos com épocas incompatíveis, quando se tratava da adoração pelo ipê era diferente, discurso retilíneo, não esquecia pormenores.

Gosto de repassar as conversas que tive com ele. Inesquecíveis. Em uma delas, falava sobre a origem das diferentes cores de florada, em que cada uma foi proporcionada por aves que pousaram nos galhos, na tentativa de consolar a tris-

teza do pé de pau com seus ramos despídos no tempo de frio. Tal qual: milhares de canarinhos pousaram dando origem ao ipê-amarelo; a alvura das garças, em outro, formou as pétalas brancas; periquitos pousaram no verde; e por aí afora...

Outra narrativa remetia ao Antigo Testamento, Gênesis, no terceiro dia, quando as plantas tiveram oportunidade de escolher em que quarto de ano gostariam de desencadear suas inflorescências. Outono, verão, primavera foram escolhidos. Apenas o ipê optou pelo inverno, época em que a natureza é carente de tons. Diante de tal situação, o Criador, para compensar o isolamento em que se dariam seus matizes, decidiu que seriam dele as flores mais vistosas.

A história que mais o exaltava, de autorizada versão segundo ele, acontecera em um recanto próximo à sua fazenda. Nessa, esticava, fazia questão de explicar particularidades da planta, o simbolismo de suas cores: a paz, a espiritualidade, o otimismo, a esperança, entre outros. Registrava também que a floração do ipê dura pouco, fato que fez surgir a combinação, lá entre eles, para a aparição de suas pinturas em dias diferentes, encompridando, dessa forma, o período de exposição aos olhos dos apreciadores.

Às vezes parava para observar alguma coisa, algum inseto cujas manobras fizeram revoar seu pensamento. “O que acham?” Indagava para chamar a atenção, retomar a conversa.

Falava com muito entusiasmo sobre determinado ipê, verdadeira belezura da natureza, fenômeno dentro da biologia – coisa nunca observada antes –, porque só existia um pé, qualidade que chamou a atenção do mundo. Esse introito provocava uma certa ansiedade quanto ao desfecho, mas ele só revelava no final. Era inútil querer adiantar, pular partes. O apressado recebia sempre a mesma resposta: “larga mão de ser curioso”.

Segundo o velho, tudo teve início em uma festa de São João, na corruptela incrustada naquele grande sertão, chamado Vereda, ermo dos gerais, hoje com outro nome, pois vereda com buriti e alagado, que é bom mesmo, quase não existe mais.

Contava que, na redondeza, onde ele tinha a propriedade, viveram duas famílias querelantes, não tão completamente de morte, pois vinganças extremas como tantas histórias que nos contam não foram verificadas. A desavença principiou

com uma questão de posicionamento de cerca, coisinha de alguns palmos para lá ou para cá, bobagem pura, pois em nada alteraria o que as terras tinham de mais precioso, no caso, as aguadas. O desacerto teria sido mesquinharia, teima e birra bestas entre dois mandões das partes, esvaído com as décadas, tanto que as gerações posteriores ficavam embaraçadas ao tocar no assunto, desinteressadas que eram pelas razões da malquerença.

– Vejam bem! De nada serve tal procedimento, costume dos antiquados que a juventude de hoje rebola longe, né mesmo? – Indagava o velho para expor sua verve para as boas convivências.

Pois bem! Prosseguia em seus preâmbulos dando nomes aos bois. Eram os Caleputo e Montehicco, famílias que desembarcaram do estrangeiro, acautelada gente, nação de povo educado, mas de jeito enfezado quando comparado aos nossos sossegados costumes roceiros. Se instalaram para fazer a vida, passavam tangendo com muito trabalho as criações, as plantações. Labuta pesada, ainda assim boa para quem vinha fugindo da guerra.

Do povo recolhido, no início, apenas vagos sorrisos de agradecimento ou breves gestos de cumprimentos. Com o tempo foram se integrando, deslaçando o modo arrastado de falar, incluindo no vocábulo termos nativos: *bão*, *uai*, *sô*.

Repetia, para deixar claro, que foi em uma festa de São João, no largo em frente à igreja, que tudo começara. Era uma daquelas comemorações com quermesse que os moradores aguardavam o ano inteiro para caprichar nas demonstrações de apreço, de vaidade. Trajes para ocasiões especiais saíam das gavetas. O forrobodó trazia, de seu, tudo que uma boa festa era obrigada a ter: o “arraiá” todo coberto com bandeirolas e fitas mescladas de tudo que era jeito; as ruelas, improvisadas entre as tendinhas, eram enfeitadas com varas de bambu, palhas de coqueiro e troncos de bananeira. Uma fogueira graúda, destaque central, com braseiro crepitante, além de confortar na noite fria de encarangar, servia também para assar milho-verde e batata-doce espetados na ponta da vara. De vez em quando, um toquinho de madeira comburido despencava do alto para se acomodar na base da armação de lenha, rebentando em um balé de fagulhas.

Foguetes espocavam nas alturas, busca-pés ziguezagueantes riscavam os mais diversos cantos, balões navegavam na escuridão do firmamento. Tinha também o pau-de-sebo engraxado, até não poder mais, com brinde surpresa atado na grimpa.

Povão vinha de toda a zona rural. Gente elegante da cidade participava também. Chamavam a atenção, nas casas que rodeavam o quadrado principal, os oratórios iluminados com a imagem do bom santo. As barraquinhas esparramadas pelo largo vendiam tudo quanto há de bebida, de comida. Era quentão, licor, suco em pó diluído, pé de moleque, doce de talo de mamão, cocada de colher. Pipocas eram distribuídas, de graça, para a criançada. No topo de um mastro fincado ao centro, envolta por bandeirinhas de papel de seda, a figura do bondoso segurando um carneirinho. Ao lado do mastro, pequeno palanque onde algum político, a qualquer momento, treparia para tentar largar balelas que a ninguém interessavam; era ele falando e o mundaréu de gente campeando folgança, medindo passos pra lá e pra cá e, sem disposição para o enfado, não dava bola ao discurso.

Uma festa bonita, bitela. Lotava que só! Devotos se esparramavam para tudo que era lado. Não raro, um caim-caim lamentoso anunciava que alguém pisara em um cachorro arisco, que, barafustando entre as pessoas, tentava, rabo recolhido no meio das pernas, cair no mato o mais rápido possível, assustado que ficava com o estrugido dos foguetes, sempre acompanhado do alarido de “Viva o padroeiro”.

A molecada mais crescida arquitetava proezas, inventava, para benefício próprio, rifas que nunca corriam, valendo queijos, rapaduras, galos velhos, vivos, piados, carregados de cabeça para baixo.

No barracão principal, coberto com folhas de indaiá, dominado pelo cheiro de canela que exalava das canecas esmaltadas com arroz-doce, curau, canjica com amendoim, ror de mesas e cadeiras acomodavam a multidão para as rodadas do bingo. Ninguém cochilava. O dedilhado soluçoso de uma viola, fazendo parceria com uma sanfona mansa, largava no ar enternecidas modinhas sertanejas.

Os gritos inflamavam para os arremates de frango assado, porção de pão de queijo, pudim,

pamonha, garrafa da puríssima alambicada e outras prendas ofertadas pelos moradores da comunidade, iguarias que todos queriam adquirir como se fossem benzidas pelo santo: “Dou tanto”. “Pago mais tanto”. “Eu, mais tanto em cima dos seus tantos”. E por aí seguia, acontecendo de um mais afoito comprar sua própria doação. Homens tomavam doses em cima de doses, abusando da permissividade de Baco. Mulheres tentavam tanger os filhos encasquetados que forçavam a barra para escapulir das mãos severas, se juntar aos bandos a brincar na correria, tombos, rolar aqui e ali, empoeirar a cara, rasgar as roupas, perder chinelos; os menorzinhos, acomodados nos colos maternos, se empanturravam com bolo de fubá, biscoito de sequilho, quando não estavam se esgoelando no choro.

Foi então que se deu de dois jovens flecharem olhares um para o outro, momento em que Cupido assestou a ambos com seu arco de pontaria infalível. Era a primeira festa de que participavam depois que a idade cutucou para o despertar das coisas do coração. Foi! Um de cada parte das famílias arrelhiadas: Romero e Juliana.

O mancebo, por gostar muito das roças, quedava pela cidade próxima para manter certo estudo, enquanto atrasava a hora de ir para um centro maior em busca de colégio mais afamado. Sempre que podia, apeava na fazenda, lançava mão na faina dizendo que não aguentava o ócio urbano, seu jeito mesmo estava com a lida no curral, meter a aiveca na aração, assuntar colheita. Era sua inclinação.

Ela, por sua vez, completaria três anos no colégio de freiras, regime de internato – diplomar-se normalista, ser professora. Raramente se deslocava para visitar os pais no sítio.

As fisgadas atravessaram o salão. De nada adiantou a precaução de reservar lugares nas extremidades, de modo a afastar as duas famílias. Ela observou nele, debaixo do chapéu de feltro da cor de café com leite, os cachos aloirados que encobriam as orelhas, o sorriso largo de arteiro, camisa de um xadrez espalhafatoso em vermelho-escuro com verde-limão, cruzado que o festejo sugeria. Ele ficou maravilhado com o visual dela, esbelta em vestido rendado, rodado, também propício à ocasião, olhos azulados, a tez alva contrapondo-se aos cabelos negros, combinando

com as pintas artificiais esparramadas pelas bochechas.

O encantamento teve remate quando ele saiu de seu canto e foi parar na roda da família adversária. Ao chegar, fez o percorrido de saudações a todos os parentes, como se não soubesse de quizila alguma. Sem esperar muito, convidou-a para ser seu par nas evoluções da quadrilha. Depois, a dileção, até o fim da festa, para qualquer tipo de dança. Afora algumas caras com bico de tromba, não houve mal recebido de refugo, questão de princípio da hospitalidade que a outra parte guardava, considerando as mesas, onde se instalaram os consanguíneos, como extensão da própria casa.

É como se eu escutasse a voz rouca do meu avô, pausada, orquestrada por gestos lentos com as mãos, pernas cruzadas balançando o pé com o cai-não-cai do chinelo pendurado na ponta:

– Acomodadas as duas famílias em mesas distantes, lá no barracão do bingo o sacristão, leiloeiro oficial da igreja, andando de um lado para o outro, equilibrando uma bandeja na mão, mostrava o que seria leiloado na vez, insultando os participantes no desafio de “Quem dá mais?”

resultando a rixa em lucro para a paróquia, com uma banda de leitãozinho saindo a preço maior do que de um bezerro parrudo. Quando o pregoeiro gritava “Tá vendido!”, o padre fingia-se desinteressado esfregando as mãos em câmara lenta, segurando a risada para não deixar transparecer tamanho contentamento, esforço que mexia com as pelancas do pescoço, fazendo descer a papada abaixo do queixo.

Nas palavras do memoroso Magnólio, São João, naquele dia, operou as vezes do casamenteiro Antônio ao despertar corações com os rojões que reboavam em sua homenagem.

Os dois pombinhos voltaram para suas casas arrulhando ardores, olhos enxergando mais quando cerrados para buscar o desenho do outro, lembrança que latejava querereres.

No amanhecer seguinte, até as florezinhas do mato, rastejantes, a que ninguém dava a mínima importância, tornaram-se simpáticas, exalavam perfume que permeava a pele; a paisagem do campo, da mata, se transformou. O verdoso inebriava, despontava o suntuoso à mercê dos novos enamorados.

Não demoraram os encontros às escondidas, passeios a cavalo, banhos no ribeirão, andanças pelo cerrado à cata de gabirola, araticum, cajuzinho, cagaita. Invariavelmente terminavam as caminhadas em um elevado de chão, usufruindo de uma sombra exibicionista, fornida planta de ipê-branco, que, mesmo solitária, compunha um bosque, juncando, tantas vezes, suas pétalas cúmplices sobre os movimentos cariciosos, archotes encandecidos por Vênus.

Ajustaram, entre afagos, ser ali o local de suas tumbas quando alcançassem a velhice, escolhido em razão da admiração que ela tinha pela cor daquelas flores. Sendo dele outra predileção, concordava dizendo que providenciaria o plantio, ao lado da existente, de uma muda de ipê-amarelo.

Enquanto há amantes escondendo as paixões proibidas como tesouro no fundo da alma, eles de tal forma não procederam, abriram a porteira do arrebatamento. Sem tais nem tantas, anunciaram o enlace. O desgosto entre os familiares esparramou. Tinham os nubentes a certeza de que as bodas colocariam as coisas no lugar, abrandaria a dureza daqueles espíritos,

arrastaria a vida novamente para sossego, principalmente com a chegada da filharada.

O capelão, mesmo em contraditas diante da possibilidade de criar bravas zangas, de quedar no meio do fogo cruzado, perdeu as forças de aconselhamento, acabou cedendo quando viu que não tinha mais palavras para demover o propósito do jovem casal: abençoou.

Jubilosos, foram morar na cercania. Os momentos de entretém continuaram. Visitavam o antigo companheiro do mato, renovavam promessas. Eram um para o outro.

Poucas águas passaram entre os barrancos da felicidade plena, ansiada. Um mal atacou Juliana, doença curta. Não houve meios para diagnosticar. Levou-a. Romero caiu no desinteresse. Por tudo. Avoado, sem a esperteza de antes, passou quando um boi embraveceu. Nos pinotes, fungados de fúria, o estilingue traiçoeiro de uma pata não deu chance.

Nesse momento, meu avô fazia uma pequena pausa, para se certificar da atenção da roda. A narrativa entraria no trecho final:

– Sabe o que mais? Apanhada na surpresa, a robusta planta, que tantas declarações ouviu,

continuou sozinha e, sozinha, hoje cobre de sombra as duas sepulturas. Fica num morrete, exibindo-se imperiosa. As vegetações maiorzinhas, ao seu redor, só aparecem na base do elevado, como em respeito, reverenciando a beleza exposta ao vento, chuva, sol, absorvendo, traduzindo o que a natureza oferece, transformando-a no pé de ipê mais lindo da humanidade. O espetáculo de tudo vem agora. Ouçam bem! É que aquele ipê passou a emitir flores com as duas cores, o amarelo e o branco em suas pétalas compondo os cachos. O que causa estranheza é a coexistência das duas em uma só árvore, quando se sabe que cada cor se apresenta em época diferente das demais e, com certeza, em pés distintos. O caso se alastrou. De admirar no tanto e quanto. Até hoje, aparecem pesquisadores, curiosos. Não raro, alguns visitantes, cheios de risonhas expectativas, deixam seus bilhetes para encontrar ou manter o amor verdadeiro.

– Mas, vovô, isso é coisa muito antiga, né?

– Ora! Para certas coisas, o tempo não existe. Um bem de querer afervorado, no vero, não aceita o cabresto de época, de onde, nem de quem.

– Vô Mag, o senhor já viu esse tal pedipê?

Exalou um suspiro longo e respondeu:

– Ainda não. A árvore é testemunha, seu depoimento pode ser colhido todos os anos quando ela se desata em pompas. Nê longe, não, fica num acolá um pouco prá lá do morro do Cruzeiro. Sempre falo que vou dar um pulinho na sua beira, ver de perto, mas quando dou por fé, a florada já passou. São daquelas coisas que a gente fala que não quer morrer sem conhecer. É uma promessa. Um dia bato os olhos nele. Pronto! Minha história, por hoje, chegou ao termo”.



A PUÇANGA



Um lugar apartado do resto do mundo, ermo dado pelo abandono de grande parte das propriedades rurais, apesar da dadivosa terra. Raleadas eram aquelas que mantiveram estrutura maior, seus moradores, agregados. As demais eram contadas, a grosso, como de subsistência e, naquele cantão, qualquer excedente se transformava em escambo.

Sem sistema de energia elétrica, quando o sol descia no oriente iniciavam-se os preparativos para deitar, dormir, era o que restava a fazer. No Brejo Bonito, era o nome da povoação, arrasavam a vida Úrsula e sua avó, Dona Expedita, nascida e envelhecida naquele por ali, muito esti-

mada, sempre disposta a ajudar as pessoas, procurada por quem queria receber conselhos, até benzedura, pois segundo ela, o bem é que conta na hora de abandonar o invólucro da carne. De coração grande, tomou a neta para criar desde que a filha, mãe solteira, remanescente da prole, partira para a cidade grande, enrabichada, outro caso, novo amor, nova esperança, doces promessas iguais a tantas que nunca foram cumpridas. O pai da criança? Ah! Nem sequer deixou sobrenome.

A paz reinava naquela vidinha em rotina acanhada, sem questiúnculas e maledicências. Úrsula, ou Ursinha, como era conhecida, fazia todas as vontades da velha que se dedicava à cozinha, aos arranjos da casa, tornando-a agradável apesar da simplicidade, enquanto ela, netinha querida, incumbia-se das atividades fora do lar: catar gravetos para acender o fogo, jogar milho para as galinhas no cercadinho ao lado, cuidar das outras criações, lavar roupa e utensílios domésticos no rio ao fundo da casa, cujo acesso se dava em trilha de boa lonjura que varava a horta, depois o pomar com laranjeiras, goiabeiras, jaqueiras e, por último, até bem perto da margem, os mínimos talhões de lavouras brancas.

Nas horas de folgança, Ursinha gastava um tempo sentada à porta de casa, um tronco de árvore atravessado de fora a fora, banco de costumeiro improvisado nas vizinhanças. Recostava a cabeça no reboco da parede, ficava olhando o nada de um lado, em seguida, outro nada do lado contrário, como se estivesse enxergando, vigiando o vento. Quando cansava, se curvava juntando o tórax às pernas e, com um resto de ramo qualquer, rabiscava a terra sob seus pés. Era costume da avó ocupar um pedaço do banco ao lado de Ursinha, estreitar mais ainda o desvelo que as unia, apego bonito.

A neta não se importava com as histórias repetidas da avó sobre como eram aqueles arredores nos idos, o bulício, tempo de maior movimentação; a estrada de ferro cortando em um acolá não muito longe, que hoje nem trilhos existem mais; o vaivém danado de tropeiros no transporte de cargas de tudo quanto há, na condução de boiadas; os carros de boi desfilando em um lamento gostoso desde o raiar do dia. Falava também dos namorados, segundo ela não foram poucos nem muitos, tudo na concordância da época. Quase nunca citava o defunto marido que, no

suicídio, espertou a viuvez para mancebias. Das amizades, salientava a de uma amiga e xará, que o nome, em desuso nos atuais dias, era de muita preferência nos batismos de antigamente.

Contava a avó que a estimada amiga ajudava pessoas fazendo despachos mandingueiros para aparar pontas, arranjar situações que estavam alquebrando alguém. Mais ainda, conseguia transportar cópias de pessoas, modificadas ou não, de um local para outro, frisando que o deslocado era um espectro. Trabalhos poderosos, origem medieval, composição mística, esotérica, proveniente da natureza. Onde chegava, o transmitido obedecia a tarefas encomendadas. O ritual, cercado de segredos, era aprendizado trazido de longe, repassado em corrente, desde os mais antigos, a um só em cada geração, utilizando a água, o fogo, a terra, o ar, vegetais, metais e um espelho de cristal. Segundo a ministra das ações, a água representava o corpo; o fogo, o meio de transporte através dos vapores essenciais; o espelho polido abocanhava a transformação física pretendida. Cumprindo os mandados, a cópia se desfazia ao longo do caminho de volta, a chama se extinguia, o líquido escafedia-se.

Pois é! Para as duas, a mansidão dos dias foi quebrada com a chegada de um jovem que desembarcou com dezenas de empregados para reativar as atividades, alavancar o potencial do maior imóvel dos arredores: reparar equipamentos, reformar estruturas rústicas, recuperar pastaria. Para os nativos, que nunca arredaram o pé dali, era um sinal de que as coisas poderiam mudar, a produção revigorar por aquelas bandas. Ninguém rogava por abundâncias, mas sim por, pelo menos, um mínimo de conforto aos incansáveis trabalhadores daquelas planuras.

O comandante da nova turma operária era visto de baixo para cima em sua correria para dar cabo dos afazeres embutidos nas jornadas. Era o filho do proprietário que assumiria o imóvel abandonado pelo pai quando o desânimo inundou seu espírito, transformando os suntuosos momentos do passado em dolorosas lembranças.

Mansueto, tal era seu nome, um mocetão desempenado, hercúleo, mas não adônis, talhe esgalgado, um jeito superior de olhar com arzinho desabrido cheio de perequeté, ataviado para os padrões dos moradores daqueles campos, causava admirações por onde parava, fazendo

questão de gesticular em demasia a mão que dependurava o anel de formatura, pedra azul safira incrustada em puro ouro.

Não tardou. Uma inquietação sacudiu o moço. Foi quando viu Úrsula, a menina que conhecera na infância, preciosamente esculpida durante os muitos anos em que ele não aparecia por aqueles meios. Para tamanha pacatez rural, uma figura admirável, também pudera, uma moça no verdor dos dezesseis anos, esguia, bem-feita de corpo, olhos mouros, lábios grossos, cabelos negros, duas tranças grossas ora jogadas no dorso, ora chamando a atenção sobre o corpete que cobria os seios; o sertão dava o acabamento com a lua laqueando em suave prateado a pele jambo queimada pelo sol. O pensamento do rapaz ficou revirado, ainda mais que sua situação alambicava solidão em carência.

Cada vez mais envenenado nas ideias, fuzou um jeito de esbarrar com a moça no riacho quando ela despejava a bacia de roupa para lavar. Um encontro desconcertado, a timidez dela o fez engolir os termos ensaiados, com a prosa não enveredando para rumo algum. Um até logo não demorou. Topetudo que era, não desacorçoou.

Escorridos os dias, tornaram-se mais amiguados os bate-papos à beira do Rio Quebra Anzol. Ele, solto na galhardia, largava frases galanteadoras, parolagem decorada. Ela respondia o necessário apenas, sem tirar os olhos da água remansada da beirada, parecendo estagnada, mas que fluía da mesma forma que seus pensamentos em correnteza.

Certa feita, Ursinha, despercebida na inocência, ao prender a saia entre as pernas para evitar que molhasse, acabou deixando à mostra parte de suas coxas roliças e bem formadas. Aquilo, para ele, foi um sinal favorecendo suas pretensões, levando-o a jogar nos ouvidos da moça abundância de palavras ousadas, propostas sitiantes, sem desconfiar que, na verdade, apoquentava a menina.

Ao deitar, o jovem não tinha outro pensamento que não fosse a rapariga desafiando sua mocidade. No escuro de seu quarto, ela bubuiava em sua frente cheia de movimentos fantasiosos, poses descuidadas. Quando dormia, os sonhos emendavam com o que via acordado, iam além, o que o matava em curiosidade para abraçar a igualdade que esperava entre o real e o imaginado.

Mansueto, lampeiro, se queimava na inflamação da mistura entre gamação e excitação. Não suportando mais o tormento da cobiça emborcada, representando como um galã de drama, levou aos sentidos da moça, enquanto essa batia roupa na pedra, a carga palavrosa de que não podia mais aguentar o descaso dela. Falou em cingir amores. Enlace com a benção do padre. Que estava disposto. Manteve um certo silêncio, depois, com olhar indecoroso, esticou um “que tal, hein?”, com sonoridade mais conclusiva que indagativa. Dizia que era só ela manifestar em positivo, mas que antes tivesse um pouco de piedade dele, que abrisse mão de tanta firmeza, que fizesse um gesto de boa vontade, algum sinal de querência, provar que carregava algum bom sentimento para com ele: uma visitinha depois que todos estivessem dormindo.

A relação entre as duas moradoras era franca. Úrsula contava tudo para a avó. Enquanto minuciava o cerca-lourenço do verboso, a anciã ouvia calada, remoía o que julgava desaforamento, despropósito para cima de uma jovem pura. Mastigava por dentro um ajuste com o tal bico de melado, estancar aquela pachuchada que tentava forçar um coraçãozinho virgem.

Permeada ao longo da vida nas mais diferentes experiências, conhecia a idosa, de cabo a rabo, o que era uma artimanha, aprendera a aquilatar as imprudências e os agrados masculinos, o que a fez alertar desconfianças.

Aquela situação não ausentava mais de seu pensamento. Tinha receio, via perigo na arroteação, podia a neta sofrer em demasia com as fincadas enganosas, já que era tenra, ainda, para conseguir arrefecer decepções que a qualquer momento poderiam lhe assaltar. “Que cousa, ah! Onde já se viu isso?”, muxoxeava consigo mesma. Começou então a tecer o cordão para atar um nó na questão, coisa acertada com ela mesma, sentenciosamente.

Deitado na rede, remoendo caprichos enquanto as nuvens ocultavam a lua acinzentando tudo ao redor, Mansueto, sem escutar a cancela ranger, percebeu um vulto, um pouco mais escuro que o ambiente naquele momento, se aproximando como quem palmeia o chão com os pés, testando cada passo. Sem certeza, quis acreditar que via, através de parcas feições, o desenho do rosto daquela que tanto ambicionava.

Palpitações pipocavam em seu corpo inteiro. Antes de se mexer para qualquer providência,

sentiu um sopro como se estivesse tateando seu corpo, encontrando as partes, da cabeça aos pés. Caiu em um sono sossegado sem perceber quando a visita foi embora.

Repetidos os lances noturnos, quando encontrava Ursinha na beira do rio, o mancebo ficava encabulado com a indiferença da moça, como se nada estivesse acontecendo entre ambos. Em solilóquio, alcunhava-a de roceira, atribuía tal procedimento à bronquite de povinho caipira. Arrematava o pensamento avisando a ele mesmo que de santa não tinha nada, só o céu sabia das hábeis proezas quando a luz apagava acendendo o assanhamento.

Mas não se importava com isso, chegou onde queria, da forma que queria, o silêncio dela era o melhor consentimento, estimava até, tinha a conveniência de não ser incomodado nos posteriormente; daquela perseguição queria mesmo só... Ele determinava o quando, ela desenvolvia o como.

Mansueto aos poucos foi abrangendo conhecimentos pela cercania, não tinha festança em que não tomasse parte, participava das catiras dançantes nos arraiais e vilas, ampliava ami-

zades, conhecia belezas, recriava interesses de modo que os programas com a amante ficavam cada vez mais rebotados para o lado, era o pouco caso por aquilo que deixou de ser novidade. Com frívolos propósitos, a imagem da então pretendida foi se apagando em sua mente.

Paixão em cinzas. A astúcia da juventude queimou qualquer ponta de remorso. Só ficou em sua lembrança a última noite, mesmo quando a monotonia das ações tinha se instalado. É que uma diferença se fez. Percebeu ele, no escurinho de sempre, que beijos de seu cacho o lambiam de forma diferente, macios como nunca. A boca, pela primeira vez, passeava pela sua em roçagem demorada. Era como se ele estivesse puxando com os lábios pedaços de algodão umedecido. Essa drástica mudança o fez saltar de supetão quando teve a sensação de uma chama molhada, ardência indefinida, mistura pegajosa de alho, pimenta e ervas.

Assustado, desapareceu de vez, nunca mais foi visto sirigaitando por aqueles barrancos. Também ficou sem saber que se tratou de uma conquista ilusória. Não queria mais pensar nas noturnas façanhas.

Naquela noite, da mesma forma que nas anteriores, enquanto a netinha dormia, a anciã se encerrava em uma casinha no fundo do quintal. Vestia um cafetã ricamente bordado com figuras de deuses ancestrais, das mais diferentes cores, próprio para a ocasião, guardado em segredo há décadas. Em pé, diante do espelho, iluminação dada por uma tocha de bambu, pisando em um tapete rústico riscado com as linhas do pentagrama, dançava, orava em dialeto desconhecido, entoava cantigas entrecortadas por murmúrios ritmados. Ao seu redor, uma panela de ferro com água, dois cetros em cruz encimados por ornatos representando genitais humanas, um feixe de ramos e folhas secas de Beladona, Mandrágora e Meimendro.

Findos os preparativos, caprichava na modelagem da diva que se transformava dentro do vidro polido. Enrijecia as partes, novas curvas estucavam o tecido; seios avolumados com as pontas em bilros empinados. No rosto, a boca franzida transmutava em lábios lisos, rubros; o fosco dúbio dos olhos assumia o brilho de duas esplêndidas estrelas. Transformada, a imagem voava de dentro do cristalino.

VER, EU VI



Aqueles que presenciaram, não gostam de falar sobre. Quem não viu, duvida. Alguns, tem o desprante de fazer laracha. Outros, se benzem ao toque no assunto, acrescentando que com certas coisas não se brinca.

\* \* \*

Infância longe, de onde trazemos fatos inesquecíveis, recordações que não envelhecem, pelo contrário, se enfeitam mais a cada narração.

A cidade era pequena à época, mais comprida que larga, arredada das grandes povoações, becos gorgulhentos. Só mesmo o quadrado da praça principal, onde a igreja alteava imponente

com seus poucos degraus fingindo escadaria, recebia o trato de bloquetes de cimento.

Emancipação decretada. Porém, um município ainda sem porte para distinguir periferias. Nossa turma de moleques zanzava o tempo todo cortando de baixo para cima tudo que era canto onde postavam moradias, além, claro, das incursões pelos arredores, do distante ao perto: mata-ras, córregos, cachoeiras, catar frutas nativas.

Era nosso costume, ao se aproximar o fim de tarde, nos reunirmos depois das brincadeiras de rua, formando a tradicional roda de quem não tem o que fazer, amassar tempo, esperar ao chamado das mães, “tá na hora de entrar”, que significava preparar para tomar banho, fazer algum dever de escola, vestir pijama para dormir.

Em um certo dia, em descompasso com o trivial, Saci, o mais encapetado, sapecou:

– Pois é, o negócio que andam futricando fica pra lá um pouquinho do cemitério, lá pro lado do caminho dos tanques do curtume. Logo depois deles, na bifurcação, é só pegar a veredinha da direita, é pernada pequena, se toparem, vamos lá. Tal tipo de coisa tem que ser logo, passa rápido e depois a gente arrepende de não ter ido.

Coisa quando é assim, boa demais ou ruim do mesmo tanto, tem que apreciar logo, se não, oh! Quem viu, viu...

– Aquela da história de fantasma... – Quis alguém entrar na conversa.

– Claro! – Continuou Saci. – Tá todo mundo numa prosa que só, mas a gente mesmo não sabe até onde vai a verdade. Dizem que roupas amanhecem esparramadas pelo chão; janelas batem sem vento; portas destravam e trancam sem ninguém encostar; talheres sacodem nas gavetas do armário; depois que escurece não tem vela nem lampião para dar conta de ficar aceso. Acho que a gente deveria dar um pulinho lá para ver isso. Eu tenho vontade...

– Não. – Respondeu Pão de Queijo, garoto rechonchudo, redondinho que só. – Tá na hora disso não. Nem vai dar tempo, vai escurecer e a gente ainda não voltou pra jantar.

– É mesmo! – Concordou Sapão, mastigando as poucas palavras com sua boca enorme.

– Acho que dá tempo sim, né longe não, depois da saída da cidade é um tico de matinho, besteira de andada. – Contra-argumentou Tarzan, o mais raquítico de todos os moleques.

– Não, né longe não, podexá! – Marcha Lenta retrucou para abafar os ânimos, destruir o que estava sendo arquitetado, já que para ele reinava a dificuldade, fazia tudo montado no lombo da preguiça.

Apesar das reticências de alguns, resolvemos dar início à empreitada. Até os contrários, mesmo fazendo cara feia, resolveram acompanhar para não restarem no “ora veja”, nos dias seguintes.

Partimos.

– Bora ver esta ousadia! – Falou, caminhando à frente, o Zangão, cheio de sabença, gostava de se posicionar como o líder do grupo, julgando-se autorizado para tal por ser o maior, o primeiro a exibir um rascunho de primeiros buços.

A casa de nossas especulações ficava retirada. Cumprimos o caminho em pouco mais de meia hora depois que pegamos a estradinha na lateral do muro branco que corria às divisas do cemitério e imbicamos em um trilheiro que recortava entre velhos mangueirões e jabuticabeiras. Sem muito alvoroço, ao contrário do que sempre aprontávamos quando saíamos à procura de arteiras aventuras, parecia que alguma coisa nos

obrigava ao emudecimento, até os mais gárrulos. De vez em quando, alguém, assoviando, tentava entonar qualquer cantiga, mas logo fechava o bico.

Ainda com um restinho de claridade, bate-mos com a vista em um casebre modesto, largado na pasmaceira, tão pobre e tosco que eu não conhecia igual, paredes de pau-a-pique, cobertura com sapé. Um puxadinho, sem paredes, tapado com a mesma fibra, servia de cozinha, com apetrechos domésticos dependurados nos esteios ou largados na chapa do fogão rústico, assentado no chão batido. Ao fundo, os melõezinhos-de-são-caetano se debruçavam cobrindo um resto de cerca que fazia de conta delimitar o quintal varrido, com mamoeiros finos e compridos cutucando para o alto. Mais adiante, salteadas tigueras de milho formavam talhões onde pequenos animais ciscavam, fuçavam. No mais, tudo coifado de capim sem tratos.

Entreparando, acautelados, dávamos um passinho aqui, outro ali, gastando tempinho na apreciação, mas mantendo distância. Avispado que nem bicho malcriado, fiquei apreensivo. Bateu um vento quente? Não; também não era de

brisa, bem sabia. Era uma coisa estranha, uma inquietação que sacudia e eu não conseguia entender em que parte do corpo, se nas altas, se nas baixas, uma moleza, dor de barriga, não sei o quê.

Mansos, que nem passarinho que canta no dedo, aos poucos fomos nos aproximando da fachada com apenas uma porta e uma janela, miúdas, na parte frontal. Mesmo sabendo que era feio bisbilhotar o que não era de nossa conta, tais espaços foram logo ocupados pelos mais curiosos. Eu, atrás de todos, na medida do possível rabiscava os olhos nas brechas entre um e outro companheiro, conseguindo ver pedaços do que se passava lá dentro.

Em um ângulo oposto ao que eu me encontrava, pude ver uma menina no cantinho de uma parede que nada dependurava. Estava encolhida, sentada no piso de barro socado, carinha suja de terra. Não movia um músculo, apenas os olhos faziam sossegada ronda, passeavam em torno com a vivacidade de um caçador à espreita da presa.

Percebi que em outros cômodos da casinha havia movimento de pessoas, mas não se escutava um pio.

Zangão, o de mais gabança, em pé no batente da porta, resolveu mostrar valentia, encomprou o pescoço, lançou um pé à frente no intento de transpor o portal. Antes que ele concluísse o passo, ouvimos um barulho fofo, depois um baque seco. O primeiro, o efeito de uma pedra que alvejara o queixo do visitante indesejado; o segundo, a mesma pedra batendo no chão, sem rolar, ficando paradinha bem em frente à perna dobrada, como se determinasse um limite a não ser ultrapassado. Ninguém entendeu como nem de onde viera tal pedra. E a menina continuava paradinha em seu canto, só fez abrir um sorriso enigmático, medonho, em apenas um lado da boca.

Quando Zangão recuou, com os cambitos prontos para correr, como se tivesse recebido um empurrão danado de forte, daqueles para despachar assuntadores maldosos ou interesseiros, e vimos o sangue brotar, o recado foi dado, era o instante do fecha-fecha. Se o mais valentão tremeu nas bases, então foi anunciada a largada para o salve-se quem puder. Fugimos desprocurados, caímos no mato comprando pernas de alvoriço. A correria estalou na antecipação do

regresso, ligeiro, no mais que pudesse. “Sô do céu!” foram as últimas palavras que ouvi antes do estouro. Depois só fungadeira, respiração pesada.

E vai! Não olhávamos para trás. Um tropel desmesurado. Paradinha para averiguações? Nem pensar! Que revira e volta! Quem diria! Uma correria despinguelada tomando lugar de pacífica curiosidade.

Com a trilha estreita, a cambulhada esparrou pelas laterais. O retorno parecia mais demorado, apesar da aceleração. Na minha razão, espaço só mesmo para a dúvida entre o arrependimento daquela empresa e o pavor do que estava acontecendo.

Por mais de uma vez os olhos quiseram marejar, mas o susto não deixava. As ramagens pururucavam debaixo de nossos pés. O que era capim ralo na ida, parecia macega de reboleira na volta, picumãs de endoidecer. O pavor acobrava os passos. Estabanados, ninguém passava na frente de ninguém, mas também não queria ficar por último, é nele que a onça pula, conforme crença dos mais antigos. E a agonia fincada parecia empacar a correria. A articulação das

pernas não abalava conforme a ordenança da mente. Era como se a gente não aluísse do lugar. Infinito momento! Ô chapadão de cerrado difícil de vencer!

O crepúsculo avizinhava do breu. Escurecia. A noite descera com tanta rapidez que parecia insultar, participar da esfrega para nos apavorar mais ainda, estumando invisíveis cachorros. É sempre assim. Em situações de apuros, tudo parece deslizar no desfavorável. “Deus, acode!” Pensei. Outros devem ter apelado da mesma forma, calados. Na ida, nenhuma dificuldade. Na volta, uma atrás da outra. E a gente arrastava tudo no peito. Pela greta, vi a avó.

Quando finalmente conseguimos o abrigo de luz no primeiro poste, na ruela que ladeia o cemitério, construção que na partida da empreitada nos foi indiferente, naquele momento emitia sobre nós um véu de terror. Eu pensava palavras, mas de minha boca nem pedaços delas conseguia soltar, muito menos ligar ideias.

Reparando uns nos outros, os semblantes eram de pavor, fartura de medo, como se avistassem, pela primeira vez, uma pijuca à noite: olhos esbugalhados, miradas coruscantes buscando

entender o que acontecera, alma saindo dentre os dentes sem dar conta da fala, nem para timbrar espanto; resfolego esfalfante, beiços tremulando, narinas com as abas arreganhando, murchando, batendo como asas de pássaro na decolagem; o coração pulsando na última velocidade.

Desmilinguidos, as canelas escangalhadas, não tivemos um tiquinho sequer de sossego para respirar alívio. Nova debandada se deu quando percebemos uma sombra noturna, isso mesmo, cambeteando em nossa direção, beirando pelo lado do muro que cercava aquela necrovila de baixas casinhas; um vulto indefinido, fantasmal, manquejante, pendendo a cabeça de banda quando pisava de um lado. Todos se deram conta dos poucos dias que fora sepultado ali o Capenga, sujeitinho danoso, conhecido pelas pilantra-gens; puxava de uma perna. Não deu tempo de reconhecer, nem mesmo para dar falta, que era um dos nossos, retardatário que torceu o pé na falsa pisada que dera tropicando em um monte, segundo ele, resto de cupim. Sabe-se lá!

Com o juízo deslocado por todo o peteco, nenhum de nós, naquele início de noite, entrou em casa com a mesma cara que saíra horas antes.

Minha mãe perguntava, insistia, sobre algum episódio que pudesse justificar minha quietação, meus olhares de esguelha. Papai, fazendo uma careta trocista de desconfiança, raspava a garganta para afirmar que eu segredava algo, que boa coisa não deveria ser. “Nada, não”, eu respondia desajeitado, emendando que era só mesmo o cansaço das brincadeiras.

Por tratar um fato assim tão sério sem contar tudo aos meus pais, entendia que estava faltando com considerações. Então, em minhas rezas, pedia ajuda e perdão a Nossa Senhora, sem nominar, pois aprendi, no catecismo, que todas são a mesma.

Passada aquela aventura obesa de espanto, continuei sem querer falar no assunto, nem mesmo lembrar, com receio de que pudesse pousar o presságio de coisas más.

Na primeira reunião com o grupo completo, Zangão apareceu com curativo no queixo. Também mentira em casa dizendo que fora resultado de tombo jogando futebol na ruela do Cavaco. Assim que todos marcaram presença, a sentença foi dada: ninguém tocaria no assunto com outras pessoas. Isso para amoiatar o acontecido de

turmas rivais, para que não nos julgassem mestrizas.

Passei algumas noites, é bem verdade, apertando os olhos para não enxergar, no escuro, coisas que pudessem sair das histórias tenebrosas que me contavam sobre espectros, superstições, visões, criações populares. Tormentosa sentinela! Esforçava-me muito, mas o bom benefício do sono não encostava.

Entre nós, como no resto da cidade, a reSENHA sobre a estranha criança foi perdendo corda, lembrada apenas quando faltava assunto, até que em uma bela tarde, Saci, que nos convenceu a entrar naquela aventura atravessada, largou:

– Lembra da menina cabulosa da casinha?

– Aquela zureta? Lá vem...

– Pois então! – Saci retomou logo as rédeas da prosa. – Dizem que, mais ou menos daquele jeito, tá acontecendo numa fazenda chique depois do boqueirão que despenca no cortilhado do perau das andorinhas, de onde se vê o grotão do morro do chapéu. Falam que a casa tá numa mal assombração danada, pior que daquela vez. Bem mais, aliás. As coisas das prateleiras saem voan-

do; pratos levantam da mesa derruçando no chão, despedaçando tudo; vidros das janelas espatifam em cacos, assim, do nada.

O curso da descrição de Saci foi cortado de chofre. Todos acordes em dizer, unissonante:

– De novo não, larga mão desse trem!



EM UM DIA DAQUELES!



Que de Infernos e Purgatórios e Paraísos  
tenho em mim – e quem me conhece um  
gesto discordando da vida...a mim tão  
calmo e tão plácido?

(**Livro do Desassossego**, de Fernando Pessoa)



**T**em dia, parece que nada dá certo, que saímos da cama com a perna esquerda, com o pressentimento de que a qualquer momento chegará um estouro, o transbordo de copo, culpa da última gota, só, a última, igual que nem as outras, apenas seguira o mesmo caminho das anteriores, mas a culpa é dela. Por que tamanha responsabilidade em cima de uma, esquecendo o coletivo?

Inegavelmente, um risco grande, muito grande, que correm aqueles que povoam nosso derredor em uma jornada tal qual. Antes de pôr o pé no chão, na madrugadinha, podemos vislumbrar urucubaca das horas vindouras quando a

parceria de alcova não flui no de acordo; ficamos despronunciados. É como um elástico espichado demais e que sabemos que vai romper; o que pode ser comparado à nossa paciência quando falta a ciência do autocontrole.

Esta história é comum. Quem pode dizer que nunca passou por situações parecidas, do tipo de onde menos se espera é que sai troço, ou de onde o entusiasmo é maior que vem a decepção? Eu já passei por jornadas dentro de tais toadas, no entanto, o que será discorrido, por graça da vez, não foi comigo.

Visitei um amigo que estivera viajando e por lá ficara internado alguns dias. Confesso que isso me assustou, são daquelas notícias em que a gente pergunta “como pode se ele estava tão bem, ainda o vi esbanjando saúde às vésperas de embarcar?”

Depois de seu retorno, na primeira vez que estive em sua casa, ele não quis falar sobre o assunto, apenas adiantou que o caso foi um acesso nervoso que o levara, sem sentidos, ao hospital. Fez compromisso de amizade que na próxima vez detalharia tudo.

A partir de então, a visita foi gasta com impressões generalizadas sobre a importância, o quanto se ganha empreendendo viagens, falamos também de roteiros futuros, os acontecidos na cidade enquanto ele se ausentara, pá, pá, pá...

Encerrei aquele passeio de cortesia impressionado, perguntando a mim mesmo como poderia ser um surto se ele é a pessoa mais serena que conheço, não é modo de falar, ele é realmente calmo, aliás nunca o vi, um tiquinho que fosse, alterado, estava sempre apaziguado para resolver situações, intermediar desentendimentos, vivia de bem com os relacionamentos, amável nos tratos até com desconhecidos. Nas vozes femininas, um doce de pessoa.

Mas um ataque de dar nos nervos naquela índole amável, que precisasse de internação? Um homem de espírito plácido, tão amigo da ordem. Tem certas coisas no mundo... Era demais para o meu entendimento. Inclusive, quando nos despedimos, notei-o ainda mais sossegado do que sempre fora. Pareceu-me. Remédios, será? Não conseguia terminar os questionamentos comigo mesmo. Pronto! A curiosidade tomou conta de mim. Tive vontade de voltar no outro dia, mas aguardei o convite.

Quando retornei, assim que cheguei, ele, de imediato, pediu à sua ajudante para passar um café. Fomos para a sala, nos aboletamos em largas poltronas. Abraçado pelo conforto, inquieto estava meu pensamento, na ânsia de saber detalhes de tudo que acontecera com meu amigo. Alertado para prestar bastante atenção, pois não gostaria de repetir nada, queria esquecer de tudo aquilo completamente, e para sempre, logo em seguida, calmamente, começou a relatar sua saga. Deixei-o à vontade em sua narração. Não fiz nenhuma interrupção conforme pedira:

“Um dia não, dois, talvez dois e meio, três. Teria que ser, pois, em um só, não caberiam tantos momentos desastrosos. É que os fatos foram muitos, todos imbicados para o lado do desandado, um após o outro, para trás ou caranguejando para os lados, lentamente, mas nunca para o rumo que eu traçava, por maior que fosse meu esforço, nem empurrado a poder de reza brava, eram ventos de solavanco, desfavoráveis... Santo Júpiter!

Tudo começou quando o voo em que eu partiria foi cancelado, como outros em dias anteriores, acumulando passageiros à espera de remar-

cação dos embarques. Com as previsões garantindo tempo proibitivo aos pousos e decolagem, a redefinição de minha partida só seria possível para data após o início do evento, na verdade reunião, que eu tanto programara por mais de um ano, de suma importância para meus interesses dentro da empresa, conforme tinha comentado com você desde muito. Talvez o acontecimento mais importante, para mim, dos últimos tempos.

Minha ideia inicial era sair no domingo de manhãzinha, desfrutar o resto do dia conhecendo o lugar, de tal sorte que nas primeiras horas da segunda-feira estaria participando do grupo de negócios.

Com o cancelamento do voo, desloquei minha preferência para chegar na noite anterior ou, no máximo, na madrugada da data do evento. Pensei em alugar um carro. No meu caso, declinei da opção em função das paradas para descanso, refeições, pernoite. Como você sabe, não dirijo à noite e, com o atraso de informações no aeroporto, isto me seria exigido. Se eu tivesse decidido por um veículo, logo pela manhã de domingo, quando anunciaram aquela balbúrdia aérea, minha sorte poderia ter sido outra. É aquela

história, né? Se não pensa, pesa, quando ficamos sempre aguardando, julgando que tudo vai se ajeitar por si mesmo e então nos acomodamos diante de fáceis decisões. A coerência trava. Quando abrimos os olhos, já é tarde.

Assim, minha única alternativa foi trocar menos de duas horas de voo pelo aboletamento em uma cabine de ônibus, por mais de quatorze horas, o que, se tudo desse certo, ainda chegaria a tempo, porém com o mínimo para desamarrotar a cara, o terno, me apresentar com aspecto razoável.

Ah! Detalhe: na metade do caminho estava prevista uma troca de coletivo, coisas lá da empresa para substituição de motorista, manutenção, sei lá mais o quê. Na verdade, seria, como denominavam antigamente, uma baldeação.

Me desejei boa viagem. Com fé, estaria no destino em prazo hábil, apertado, mas estaria. Tudo escoaria nos conformes.

A tarde caía, eu aguardava a noite para o início de um sono que trouxesse um mínimo de reparo das fadigas dos últimos momentos. Não é de ver que uma menina, na cadeira atrás da minha, iniciou um choro estridente quando a es-

curidão abaixou, justo naquele instante em que o galeio dos amortecedores, no deslizar das rodas no liso asfalto, proporciona uma moleza de corpo em convite para dormir? Ora, que coisa! Quando a menina gritava, os pais sacavam um eletrônico, a melhor babá dos dias atuais, repassavam “não chore bebê, olha o joguinho!”. O choro parava imediatamente, mas a barulheira que o aparelho emitia desinquietaava, uma repetição de dar dó. Era um bum-bam-bum-tim-tim ou brummmm prolongado, padronizado.

Ao se desinteressar pela maquininha, a menina voltava a chorar, se esgoelando. Foi a noite toda. A mãe nada dizia, dando a entender ser daquelas que julgam terem as crianças, a sua mais ainda, toneladas de direitos, todos, que vão se diluindo, se é que vão, à medida em que sua criancinha cresce.

Na minha primeira revisão sobre o tempo de chegada, tive que considerar uma imprevista parada na barreira para fiscalização policial. Foi um tal de abre-fecha malas, sacolas, resmungos de passageiros. Isso garantiu, veja bem, no mínimo, quase duas horas de atraso. Eu me alarmava pensando que o outro ônibus, na bendita

conexão para seguir a viagem, poderia não mais ser alcançado.

Ai de mim! Devotando como um beato, depositava minhas esperanças no talento do condutor, no volante, no motor e nos pneus do carro, além, claro, acima de tudo, em São Cristóvão, minha busca de última hora, como se fosse ele o das causas perdidas. Ufa! Decepção, claro. O ônibus para a segunda etapa da viagem partirá. Mas que des...desgrama, para não dizer outro nome. Tivemos que aguardar o carro do próximo horário. Assim nos orientaram. A espera não foi curta. Com isso, os primeiros clarões do dia se mostravam e, confesso, pareciam trazer em suas cores um sorriso de deboche. Mirei o firmamento com desprezo. Pensei o que bem entendi. Blasfemei. Que eu seja perdoado!

Com recreio forçado por tal espera, pelo menos sobrou espaço para um lanche. Olha, mesmo com tempo de sobra, eu me cobrava pressa, uma aflição por qualquer coisa que fazia como se fosse recuperar o tempo perdido. Café da manhã! De rodoviária é bom salientar, frio, acompanhado de uma quitanda restada do dia anterior. A consumação se deu de pé, nada de cadeiras, mesas

ou banquinhos, tudo revirado de perna para o ar, horário da limpeza. Fiquei apoiado no balcão de vidro que expunha, abaixo do meu cotovelo, uma diversidade de salgadinhos desanimados, encostados uns aos outros numa promiscuidade engordurada, sinais de madrugada atravessada, reunidos em uma só bandeja, enquanto as demais, esvaziadas, esperavam a carga de frituras do dia. O desassossego pairava suas asas sobre mim, não enxergava ânimo em nada.

Recomeçamos a viagem. Enumerava as vantagens de uma aventura que nem aquela, inflando o caso, obviamente, para contar aos amigos com certo heroísmo. Foi quando alguma coisa começou a ratear. O “chofer brecou”, como dizem, ou diziam, desceu, olhou aqui, olhou ali, tornou a olhar, abriu a tampa do motor, fez cara feia, reassumiu sua posição atrás do guidão redondo, arrancou, tocou em frente mesmo com o motor mostrando, nitidamente, lerdice nas marchas.

Assim que o dia clareou de vez, com o atraso de chegada ao evento mais que garantido, me restando o consolo de ainda participar da metade das atividades, uma tempestade mostrou o breu em uma parte do céu adiante, no fundo do

horizonte, à nossa esquerda. Meu pensamento forçava para que, a qualquer momento, o carro guiasse para a direita e continuasse sempre assim para driblar o mau tempo prometido. Não é de ver que a estrada volteava justamente para o lado que eu não queria? Foi um aguaceiro escandaloso que nos obrigou a paradas aqui e ali, com o motorista alegando não enxergar nada. Atraso mais! Aquilo me roía por dentro.

Tinha graça! Cheguei ao compromisso quase na hora das palmas finais de agradecimentos e despedidas, o que me chateou imensamente, logo eu que gosto de cumprir com os horários à risca, você bem sabe.

Um pequeno coquetel de encerramento foi oferecido em meados do vespertino. Pelo menos eu poderia fazer por ali alguns contatos, me desculpar, coisas assim. Mas parece que o novelo de azar não tinha se desenrolado por completo. Primeiro, deixei um copo cair, chamando a atenção de todos. Depois, ao procurar o rumo de um banheiro, em miúdo giro de corpo, quase nada, provoquei um encontrão com o garçom. Tudo pelo chão, inclusive ele com sua gravatinha borboleta. Quando todos se voltaram para mim, tive

a impressão que gostariam de perguntar: “você, de novo?”

Dei espetáculo! Para concluir o desfiar do rosário de vexames, acabei, sem entender como, tropeçando naquele chão liso. Não escorreguei, tropecei, eu juro, me estatelei no chão, no meio daquela gente toda. Educados, bem alinhados, alguns me socorreram, melhor que não fosse assim, mas outros não conseguiram se segurar, abriram risadinhas, risadonas. Aquilo me subiu, não tirei satisfações, não sou amigo de relíquias.

Uma temporada de desentendimentos comigo mesmo. Só faltava criar caso com minha imagem diante do espelho. Conspirações para exasperar-me, só podia! Tudo que eu pegava, caía; no que eu esbarrava, tombava. E era às bateladas, no inesperado, o que provocava susto, ou melhor, eu estava me assustando comigo mesmo.

Em um dia como tal, até parece que qualquer iniciativa da gente acaba sendo a pior opção, estamos a todo momento desesperando expressões como “logo agora”; “não acredito!”. Até o inanimado mostra conspirar contra, tomando vida para pirraçar nem que seja por segundos, impedindo que nossos atos transcorram sem in-

cidentes. É tal qual falam: “você acaba de apostar no jogo e, do nada, aparece um caçador para abater o bicho de sua fezinha, antes mesmo do sorteio”.

Com tantos atrevimentos contra meu ser, não esperei o fim do coquetel. Resolvi dar um passeio pela cidade, aproveitar a tardezinha, vagar simplesmente. Para o início da noite, me propus postar em um restaurante, tomar um bom vinho acompanhado de um jantar especial para recompensar as derradeiras horas mal-encaradas. Era o melhor que eu poderia em benefício próprio.

Já me sentia mais sereno com a decisão, ou melhor, me esforçava para isso, mas desconfiava ao mesmo tempo, me alertava, lavas borbulhadas não assentam nem esfriam de uma hora para outra no fundo do vulcão. Não prestei atenção em mim mesmo. Que pena!

Uma sensação esquisita apertava meu peito. Perambulando com passos de quem não sabe para onde aponta o bico do sapato, parecia que em cada esquina via um quarteirão decepado me obrigando a uma rua sem fim.

Já estava desistindo do passeio quando me deparei com uma praça enorme, rara de se

ver pela beleza, pela quantidade de árvores, das frondosas, das coníferas pontudas, estátuas bem conservadas, caramanchão, coreto, fonte central rodeada de jardins floridos, magníficos, que se estendiam pelas laterais ao longo das ruelas de pedras com seus bancos convidando os usuários para algum momento de relaxamento. Daqueles bancos antigos, trazendo oferta comercial no espaldar, de cimento, mas com o formato que se encaixa bem no corpo, diria ortopédico, praticamente. Sabe do tipo que estou falando? Não vem ao caso, né?

Pois bem! Ocupei um deles. Enquanto me perguntava a que tempo as coisas melhorariam para o meu lado, me veio um sentimento de alívio, uma brandura ao ver a petizada correndo, pedalando velocípedes, improvisando brincadeiras, grupo de meninas entoando cantigas de roda. Coisa linda! Casais de namorados ramalhando, gestos, beijos. Da mesma forma que outros avulsos que nem eu, fiquei por ali contemplando. Não é por nada quando dizem que a praça principal é o coração de uma cidade, é do povo, pedacinho de paraíso. Que maravilha! Que maravilha! Cutucava a mim mesmo para reparar os detalhes. Tive

até a petulância de entender que as boas novas chegaram depois de tantas passagens retorcidas. Quanto engano! Era um pesadelo que não tinha mais fim.

Agora veja bem! Do lado contrário de onde me acomodei, duas crianças jogavam guloseimas aos pombos que pousavam, caminhavam com seus passinhos cambetas, e se juntavam formando uma grande roda. Quando os meninos resolviam pegar algum, se dispersavam quase sem sair do lugar, retornando logo, logo, pela garantia do alimento, já com o instinto na conclusão de que se tratava de filhotes inocentes de humanos, pensava eu. Inofensivos, não é mesmo? Eram dois garotos loiros, irmãos gêmeos provavelmente, cabelos cacheados, faces rosadas que me trouxeram à mente um quadro, não me recordo onde vi, de anjos brincando com o símbolo da paz. Que estupendo!

Mas deixemos de lado o romanesco, já que em formato algum cabe em minha narrativa. Toquemos adiante a sequência dos fatos que me provocaram atos enviesados.

Dizem que onde há anjos também vingam demônios. Não sei de onde surgiu um terceiro

menino que se aproximou da ciranda, jogou no meio dos pombos uma mão cheia de traques provocando uma debandada frenética, alvoroço, bater de asas desabrido e desordenado.

A revoada tomou minha direção. Aquilo me deu um augúrio ruim cuja efetivação foi mais rápida de que meu raciocínio. Nem deu tempo de terminar o pensamento de que só faltava... não, não deu tempo, não deu outra. Foi no meio da testa, um elixir peganhento com direito à borrifões nas lentes dos óculos. Nas duas! Quanta agonia! Também não consegui terminar todas as pragas que gostaria de lançar, não sei se contra os voadores ou contra aquele menino dos diabos, personagenzinho demoníaco, que largou os estalinhos de som metralhador. Inclinei a cabeça para baixo na tentativa de limpar a testa com a mão. Que pontaria! Outra lambada gosmenta me atingiu em cheio entre a nuca e a gola da camisa; senti o resultado escorrendo pelo leito da coluna vertebral.

Não menos revoltado que desesperado, lasquei para fora, aos gritos, os mais severos improperios. Me vi esborcinado, propendendo ao desespero, desiludido, abandonado por um mundo

sem coração. Na verdade, ali, descontrolado, eu é que tive vontade de abandonar o mundo, olha que ideia, realmente o juízo e a falta dele estão separados por um triz, se tiver. Perdi o controle, perdi todas as estruturas, gritava, não conseguia mais parar, apontava para cima, usava todo o repertório urrando injúrias lodosas. Juntou gente ao meu redor. Eu não parava. Soltava palavras gritadas, descosidas, praguejava contra todas as aves da terra, de outros planetas também, questionava as árvores por abrigá-las, fui além, incluí outros seres no xingatório.

Gesticulava para os céus, para os infernos; um frege; um possesso. Num dia daquele, debalde pedir benevolências ao firmamento. Esperar o quê? É como se Ele deixasse claro que tinha temas, ou melhor, espíritos mais sérios para tratar e que amanhã ou depois, quem sabe? Então os sucedidos, cada um como elo, foram se ajustando uns aos outros, uma corrente de conspiração contra que logo em seguida vai se desfazendo, metamorfoseando em uma enorme sucuri que te enrosca, depois estica, aperta para esbagaçar seu raciocínio. Entendeu? Se não, deixa pra lá...

Algo ruim começou a tomar conta de mim, uma onda súbita, como fogo, queimava meu rosto, o tórax, os braços. Juntou mais gente. Muita.

Uma das últimas coisas que me lembro foi quando um senhor, semblante sério, terno bem cortado, boina de lã, óculos dando acabamento intelectual a seu porte, apoiando as duas mãos na luva da bengala, esbanjando tranquilidade como se fizesse pose para uma foto, arrematou efusivamente: “o sujeito aí, está perdigoteirando em solilóquios. É um aloprado! ”

Meu reflexo foi tentar traduzir o que aquele senhor estava querendo dizer. Não deu. Me senti desabando. Como única coisa positiva que me aconteceu naqueles dias, veja a que ponto cheguei, foi alguém ter me arrimado evitando tragédia maior que seria meu peso encontrar, em queda livre, o cimento duro da praça. Ainda ouvi ao longe gritos de apelo: “Traz água! Água! Água!”

Quando dei por mim, estava deitado, reparando o aspecto sonambúlico que todo quarto de hospital tem por igual. Vieram as lembranças de minhas amarguras, mas minha preocupação mesmo foi querer saber se estava curado daquilo que o velho prognosticara.

No retorno, perambulando pelo saguão do aeroporto, parei em frente à vitrine de uma livraria. Em exposição, um livro abordando duendes, abrindo curiosidade em seu título sobre a existência ou não deles. Respondendo para mim mesmo, olhando de soslaio, me afastando o mais rápido possível daquele vidro, suspeitando da presença de tais diabinhos ao meu redor, afirmei que existem, que ninguém duvide, tiram dias inteiros para arrumar formas de infernizar, com suas travessuras, a vida de qualquer um que escolherem pela frente.

É isso. Eis a minha história, caro amigo, tudo que eu tinha para te contar. Vamos esquecer isso agora, aceita mais um cafezinho? O pão de queijo já está saindo... ”

NOITE FELIZ



**D**o saguão do hotel, depois de tentar ler algum jornal, foi para a porta de entrada se distrair com o movimento da rua.

Fim de semana supurando. Um tumulto de luzes, brilhos nos semblantes dos transeuntes denunciavam o ambiente da festividade natalina e da passagem de ano que se aproximava. A iluminação extravagante nas cores deixava o anoitecer como claridade diurna, quase.

Um mendigo estendeu a mão em concha, o hóspede apenas balançou a cabeça, negando. O esmoleiro seguiu rua afora sem desfazer o formato dos dedos suplicantes por ajuda.

As notas das cantigas de época enchiam o ar. Lembrou que na semana seguinte seriam as melodias de despedida do ano velho e brindes pelo que chegaria. Não dava a mínima importância ao fato.

Pensou em uma companhia feminina, sair um pouquinho que fosse, deveria ter algum lugar, um barzinho. Desistiu. Riu do pensamento cogitativo naquele repente.

Voltou ao saguão, sentou em um dos sofás. Ninguém por ali. Manuseou mais uma vez as gazetas com repisadas notícias. Desassossegado, retornou à porta, encostou-se na mesma moldura. Ficou olhando sem registrar nada por tempo desmedido. O pedinchão de antes o abordou novamente, mesma mãozinha estendida formando cova no centro. Dessa vez, largou algum trocado. Desagradecido, o outro virou as costas sem dizer nada. Quando deu por conta, a noite montara, mas as luzes das boas festas, brincalhonas, a boicotavam.

Do outro lado, na calçada em frente, sob marquises maiores, alguns moradores de rua escolhiam seus cantinhos, esticavam papelões para armar a cama. Teve quem saísse volteando

por perto, outros se acomodavam com garrafinha plástica na mão, beber, cheirar, o cachorro deitado ao lado, focinho apoiado nas duas patas dianteiras esticadas.

Resolvido, perguntou na recepção onde poderia fazer pequenas compras. A ideia era uma garrafa para antecipar o sono. Saiu do mercadinho com três, diante do anúncio de desconto na aquisição acima de duas. Algumas castanhas seriam o tira-gosto.

Ao pegar o elevador para o quarto, sentiu bater uma leseira; o desacorção físico era menor que o da alma. Pressentimento inquietador.

Tomou assento na cadeira ao lado da cama. A botelha no criado-mudo. Uma pequena mesa suportava o resto. Levantou-se. Pela janela, viu passando na avenida um comboio de caminhões coloridos em vermelho e branco, luzes mil, gritando propaganda de refrigerante. Quando criança, não cabiam em sua inteligência os motivos do trenó, das renas e da neve entre os símbolos de tal alegria. Depois, adulto, compreendeu. Nos últimos tempos, voltou a não mais entender.

Retornou à cadeira. Circunvagou os olhos pelo ambiente desadornado do quarto: o sofá, o

tapete, a escrivaninha, a garrafa de vinho bem ao seu alcance; pegou-a, colocou-a diante dos olhos, girou-a, leu o rótulo, se serviu.

Nos primeiros goles, a cabeça vazia, preguiçosa, só o paladar como sentido. Com os beijos da taça, as ideias começaram a zumbir, fatos diversos desfilavam trazendo acalmia. Daí para frente, as cortinas não pararam de abrir, de fechar, era o espetáculo das reminiscências. Fatos de um dia longe voltavam detalhados, irretocáveis. Já os de ontem, tão cheios de recente, desfilavam ligeiros. Os pensamentos vinham sem sequência, salteados, como tirados às cegas de uma cumbuca.

Olhando através do grande espelho na porta do guarda-roupa, viu sua imitação do lado de lá, acenou para ela, conseguiu tirar um sorriso espremido, remexidos propositais com os músculos da face para troçar da solidão que povoava seu derredor.

Sem saber o porquê, lembrou de quando lhe ensinaram sobre os pontos cardeais, abrir os braços no sentido do sol para determinar a posição dos polos; um à frente, outro pelas costas:

– Hoje, para onde a agulha magnética do nariz aponta, dificilmente encontro qualquer Norte.

Avulso na vida, como gostava de falar, compreendia que dera pouco valor às coisas de fixar raízes. Cogitava ser seu gênio um pouco difícil.

– Não, não é isso! Pode sim, por outro lado mais forte, o ímpeto que sempre tive de sair pelo mundo, viajar sempre, sem prestar um pouco mais de atenção às convivências. – Arrematou.

Pensou em certas acepções, até que pretendeu, não alcançou. Uma grande paixão, por exemplo, não encontrou senda para prová-la:

– Quando acordei, me senti sem jeito, não estava preparado. Adiantando para encontrá-la, reverberaram que não bastava só querer. Na indecisão de voltar, remedir o caminho, fiquei à mercê dos ventos.

Mastigou um pedaço de noz. O sabor o remeteu à infância, quando quebrava a casca rugosa espremendo o fruto seco entre a porta e o portal:

– Naquilo é que estava o sabor. Agora, assim, descascado, não tem graça.

Do pai, não guardava muito. Do longínquo convívio tinha uma imagem esfumaçada. A inocência ajudou nos primeiros tempos depois de

sua partida, quando os parentes, em consolo carinhoso, diziam que foi morar no firmamento, mesmo de muito longe zelaria por ele:

– Há lá a bênção para confortar.

Quanto à mãe, ficara uma imagem forte, apesar de sua franzina estatura. Trabalhadora casmurra, sistemática, fez questão de manter luto fechado pelo resto dos dias, conservou tudo que os antepassados transmitiram, não arredou um dedo.

Continuou ruminando acontecidos, dissolvia, engolia e logo apareciam outros no lugar. O trem dos seus feitos seguia nos vagões à sua frente, bem na sua testa. Sem ter que dar explicações a ninguém, era como se segurasse os fatos com as mãos, sem invólucros, nus, como aconteceram. Muitos se deram apoiados sobre dormentes firmes, desfile de tantas coisas boas; outros, sem saber se os trilhos estavam no lugar certo, cortejo de assuntos que beiravam a vontade de nunca tê-los vivido. Vozes cochichavam para que se lembrasse disso ou daquilo, vinham amontoadas, tão vivas que pareciam da hora.

Recordou certa música, cantou-a de cabo a rabo tamborilando os dedos no braço da cadeira:

o colégio, a primeira dança de rosto colado, o perfume, a garota. Vinda do lado de fora, acompanhada por sinos, uma triste modinha de realejo cortou seu pensamento, inundou o quarto, gemendo sobre uma noite feliz. Uma cena, tantas vezes repetidas na infância, subiu ao palco. Viu-se meninote, caminhando ao lado da mãe, entrando e saindo das lojas, uma atrás da outra, compras de presentes para Papai Noel entregar no tempo certo. Muita gente carregando pacotes coloridos de todos os tamanhos, os maiores despertavam curiosidade, traduzindo o volume em brinquedos melhores; batia uma pontinha de inveja “que será qu’ê isso?”

Adentrou pelas horas. Os pensamentos empurravam o tempo sem que percebesse, trote manso. Olhando mais uma vez para o lado da rua, notou nas fachadas dos arranha-céus feiras paralelas, enormes, formando velas fingindo afogues, com centenas de lâmpadas piscando. Comparou sua vida a uma delas, queimando verdadeiramente:

– Quando percebi, estava mais próxima do toco, embora me achando com a mesma capacidade de causar lumes.

Teve vontade de gargalhar, mas apenas largou um sorriso amarelo de deboche quando lembrou do provérbio de que o espírito não envelhece.

– É possível? – Perguntou a si mesmo. Deu de ombros em gesto de desdém, na certeza de que não perceberia as velas que algum dia viriam queimar ao lado de seu corpo, inativo.

Fixava o olhar em um ponto, fazia cara boa para alguma imagem invisível. Desfazia. Jogava novamente o olhar perdido para outro lugar.

Ao abrir a derradeira garrafa, só o breve momento de observar o líquido passando para a taça era o suficiente para o fazer perdido no pensamento em que viajava. Embarcava em outro. Lá pelas tantas, do vinho restava quase nada. Emborcou o conteúdo. Passou o dedo pelo bico do vidro, levantou-o tentando sugar a última gota. Embotado, piscava miúdo contra o sono. Pela janela, o sol mostrava pequenos ticos da aurora, prenunciando que seria mais um dia de verão escaldante.

Revirou mais um pouco a memória, repetiu alguns fatos, como repassam conversas aqueles que exageram nas doses.

Na brotação cintilante da manhã, viu um fantasma na vidraça, o próprio reflexo, figura embaçada, deformada pelo lusco-fusco. Enxergou um homem mudado, muito, baldado talvez, ânimo resfolegante, barrancos estreitando velhos caminhos. Poderia ter feito mais, pelo menos diferente, ponderou. Quantos rumos distintos sua vida poderia ter tomado. Destino traçado? Não, não acreditava nisso, nunca pensou assim.

Relembrou a mãe, velhinha, insanidade deixando de resto apenas a carne bamba. Teimosa até diante da morte que se obrigou a deitá-la inconsciente para arrastá-la, mingando aos pouquinhos sua capacidade de reação. Não queria ficar daquele jeito.

– Não. Não quero de forma alguma! – Balbuciou ralhando consigo mesmo, como quem não aceita renitências.

– Se pelo menos existisse alternativa...

Foi o bastante para sua memória buscar fato comparativo: a imagem de uma árvore, aparência robusta, a mais frondosa que existia na praça principal da cidade onde viveu a infância, que certo dia, coisa de ninguém esperar, amanheceu tombada, revelando as raízes rasas que

a tornaram sem suporte diante de uma ventania mais forte.

Foi para a cama. Mais uma noite virada. Quis rezar. Não se lembrava de preces, não as sabia completas, nenhuma, apenas pedaços. Reiniciava. Não passava das primeiras palavras. Desistiu. Deu-se por desentendido no assunto, como sempre foi.

A respiração pesou. Puxou o lençol, um frio esquisito. Fez careta ao sentir uma fisgada no peito. Deconsolo. Saudade? Arrependimento? Só ele para desconfiar.

Percebeu esforço maior no movimento do abdome na caça ao fôlego esfiapando. Abriu a boca o quanto pôde. Cansado, se sentindo acuada, amarrou o semblante, fixou os olhos no teto. A dor na caixa do coração passeava alfinetando, fincadas ardidadas. Quitado, mirou com desprezo pela última vez na direção da janela, fez pouco caso da claridade que insistia em entrar sem ser convidada. Agradeceu a companhia da bebida. Cerrou os olhos.

O ALVANÉU



Todas as tardes, ao sair do trabalho, tangendo o rumo de casa, pelo meio do caminho desemboca no cuvico. Se aloja no mesmo lugar entre o ângulo da parede, ao fundo, e o balcão untado, brilhoso, pelas tantas mãos que por ali deslizam. Um gato no borrarho, ritual, repetição. Pede uma cerveja, a mais popular pelo preço. Também, como guia, um argente restilo de tonel, do branco, “no capricho”, não deixa de argumentar. Precisa se agrandar no banzeiro durante o pouco tempo que ali permanece; é a pausa de aforação para tentar ser seu próprio dono sem as mandanças do mestre de obras e a ditadura, dia por dia, das contas para pagar. Depois? Ah!

Depois é retomar caminho sem deixar a modorra pegar cavalgada.

Bem à sua frente, uma tabuleta apoucada dependura dizeres lerdaços: “FIADO SÓ AMANHÃ. Lê, relê, sabe que seu total a crédito acumula na gaveta, engrossando o montinho de notas junto com as de outros tantos fregueses. O volume das vendagens à grande clientela é a esperança do incansável dono do boteco, sonhador, de um dia ver o dinheiro correr livre, vivo, rompendo com o segar ferrejo atrelado ao “depois eu acerto”.

Na parede, ao lado de onde se aboleta, em cima da porta que dá acesso a um pequeno cômodo, mínimo espaço onde o baiuqueiro consegue associar cozinha com depósito de tudo quanto há, um relógio de parede, estampando o escudo de um time de futebol, desmarca qualquer, sabe-se lá faz quanto tempo ali parado, desapressado de tudo, com apenas um ponteiro despinguelado na direção da hora do Ângelus, assim arranjado, definitivamente, por ordenança da lei da gravidade.

Em uma estufa espremida entre garrafas de bebidas das mais diversas cores e potes com do-

ces, balas, o alvanéu bate os olhos nos mesmos salgadinhos distribuídos em bandejas quadradas, lembrando pelotões organizados, dispostos em fileiras como em uma parada cívico-militar. Tem coxinha. Tem pão com mortadela. Um naquinho de torresmo vira cortesia para quem pedir uma dose mais qualificada na hierarquia do preçário.

Com as lapadas, começa a girar o olhar. Já sabe de cor, mas é como se fosse a primeira vez que aprecia o ambiente. O igual-igualzinho, como ontem, tem seu momento de parecer diferente, é quando ele entorna goela abaixo o primeiro copo da primeira cerveja, que dá um retrogosto de “tudo vai mudar”.

Tal hábito diário não o pode confundir com um bíbulo, não, não pode! É coisa rápida, mais pelo momento que pelos tragos, não demora um credo. Encafuado, abnóxió, mantém a quietude em seu cantinho, é seu feitio. Moderno na idade, aparenta um zumbrido de mais erado. Cabelos arapuados, foveiros, a tez cinérea, mosqueada. Nas tēmporas, sinais de níveos precoces. Quando leva o copo à boca mostra a mão enrugada, ustulada pela lida com a massa, a cal, a trolha. Com

a cara infundibuliforme, esbugalha uma espécie de despeito mesto, mangrado, absconso, largando uma mirada genuflecta diante dos parques recuos para tentar inteiriçar vontades, fazer emergir alguma alegria que só mesmo atrelada à bufunfa.

Criado no serviçal que foi toda a família, alegra um rapaz estanguido na lida com desconhecidos. Não graçola, desconfia de brincadeiras. Morigerado, cumprimenta a todos na forma de bem-criado. Usa sempre de poucas palavras, e se guarda, miúdo. Estende a mão, troca tapinha nas costas, apenas quando em retribuição, e se guarda, mudo. Fica arredado num segredo sem querer divulgar suas ideias de moenda, espinicadas.

Um vivente corajudo, forçudo, disposto ao trabalho, que vê o tempo carregar às gotas e gotas, desfavoravelmente. Urucubaca, chega a pensar. Sente no lombo as varejadas, o peso de um ovençal isolado. No bolso, a escassez de nicas, tuta-e-meia, quando tocáveis, são reservadas para o de comer em casa. Quebrou tradição de família trocando as roças, o chapéu de palha, a enxada, o arado de aiveca com o boi Pirilampo no arroteio, tudo por um adiantamento de vida na cidade.

Naquele pedacinho de bar, diariamente se reapresenta a ele mesmo, busca redescobrir-se; encontrar um encantoado no qual não se sinta arregaçado aos boléus na obrigação de transpor prélios brabos; ouvir autoconselhos para não se deixar cerzir em espírito folote.

Depois que beija copadas, o aviso do fiado no quadrinho de borda alaranjada, reaproveitada do que foi um dia moldura de espelho barato, parece insultá-lo, como se ainda fosse capaz de refletir: “melhoras só amanhã”. Desvia a olhada. “Papironga, se não! Será?” Retorna a espiada mansa, não enxerga mais a dúvida, lá estão as letras gritando com ele “só amanhã”. Se sente como uma roda suspensa no ar, carente de desabalar. Cada vez mais. Nos triquestroques carreando as ilusões, toma impulso. Depois da primeira volta, percebe que falta apoio, sem o qual não sairá do lugar.

Lá fora, na camoeca, tem de tudo. Estão os “gente boa”, contumazes serenos, de paz com a vida. Estão os remendões julgadores de saber mais que os outros, menos do próprio apedeutismo. Estão os zafimeiros acordados para captar qualquer de propício para usança. Na tribuzana

dos tipos, de um passo a outro, aparece um velhaco a perorar para embair os ingênuos. Ah! Os velhacos, ruma de naipe dada à falcatrua, frege de desonestos baldroqueiros, cabala sem fim.

A locanda é pequena, cabe pouca gente. Para expansão, o dono distribui mesas e cadeiras calçada afora, dobrando a esquina, como dizem. Tem até o pessoal do bate-pacau. O alvanéu não frui de jogo, mesmo de brincadeira. Apostando? Nem pensar!

No fundo, gosta do bambaré, não remoca com a confusão de vozes, só não faz parte dos grupos, prefere quedar calado no cantinho com seu error, pretendendo renuir quando na cachola uma charanga ressoa as obrigações: a refrega de aprumar coleção de tijolos, um em cima do outro, niveladinhos até a grimpa onde mandam parar; a sobrevivência da família derramada em tão só de três; o filho único, que em pouco será um badameco, irá obrigá-lo a tanger atenções em tudo que for possível para imbicar a cria de vez nos estudos; a esposa estirada, embutida no acrotismo, cianótica, olhar lento, aravia que mais parece um cainhar.

O pedreiro pelejador tem tudo para edificar inchas, recorrer à dipsomania. Mas, se depender dele, prevalecerá no mundo somente a bonomia dos caracteres ebúrneos. Cheio de fé sincera, cumpre suas rezas domingueiras onde balbucia triságios pedindo por alvíssaras. Sabe que não é escoreito, puro, mas nunca também fora desbragado, imperfeito. Burilado dessa maneira, acha então que pode suplicar a Deus por novos raios, ser perdoado em confissões pelos momentos em que fora estouvado, muquerela.

A mulher daquele jeito, volta a pensar, em-  
pesgada dos calores, amiudada na frágua do pa-  
decer. Ele não se lembra dos últimos prazidos  
vulcanos. Sente esturricar os encantos, um tre-  
co, tão cedo. Tenta se conformar. “Foi, foi o susto  
de ficar desemparelhado, em um de repente tão  
grande, que não deu tempo de esticar o de uma  
hora para outra. Foi mesmo de perder o tenteio  
das coisas”.

Por ligeira diferença, não ficou viúvo pela  
vicissitude. “E se...?” Não, não gosta de delon-  
gar nessa formulação, balança a cabeça repro-  
vando o estrupício de pensamento. Prefere vol-  
tar as lembranças para o lado do antes de tudo

aquilo, quando o preocupar com futuro se embaralhava com a fogueira cheirosa da umidade nos lençóis.

Na data em a esposa arriou enterrada, sentiu o quanto era quebradiço tudo ao seu redor, e mais adiante, mais pra lá ainda, a fragilidade do resto do mundo. Passou a estranhar a normalidade em tudo, em todos. A aporia rompeu barragem, enlameou o sossego como se a Terra pudesse deixar de existir, na rota do sol, com um simples papiro. Espantado ficou. Espreitava um grande estrondo a qualquer hora, um acontecimento catastrófico, um fim, a extinção. E os fatos caíam como catadupa, repinicando.”Deus sabe o que faz”, repetia cada vez menos.

Busca explicações. Não fora barriga malquerida. “Não, essa tal, não! Qual história! Pelo contrário, festejada no tanto, no entanto não deu certo”. Depois do parto, a criança chorou, ele também. Grande emoção. Mas a mulher restou na cama, nunca mais saiu para o mundo, sequestrou os bons tempos, botou à mostra uma invalidez permanente que secou os nervos, murchou os músculos, arrematando, junto com os cuidados definitivos para com a enferma, um fi-

lho a ser criado em metades repartidas com parentes e amigos.

Tais reflexões trazem frijume. Quer embarcar tantas para que o álcool pudesse favorecer a imaginação e, zuezuado, não remoer o que fazer doméstico até a hora de ir para cama. Mas o pensamento é imparável, não colabora. Sabe o alvanéu que não aproa mais suas vontades, ao contrário, o que desquer barlaventa sempre.

Chega o momento de recolher caminho de casa na carretilha dos acordos com as promessas, alcançar outras fainas, sina desgramenta a remacetar, chão doído, doído de vida especada. Olha de soslaio. É o horário de maior movimentação no bar, o bulício dos baquistas engrossa. Os assuntos se atropelam, risadas, os homens esputam, terlintam, prevalece a voz que estruma mais avolumada no desrespeito às palavras. Não se sabe quem diz o quê.

Tem vontade de ficar mais um pouquinho, refestelar-se com as coisas do seral. Toma tento. Desaquartela do banquinho, a pulso, quase. Quer ir; não quer.

Decide. É preciso. Cachaça de cabeça. Mais uma. A derradeira. Se despede do tasqueiro. Nem

precisa pedir pelo quanto foi. O acerto fica adiado para a quinzena de pagamento das trabucas na construção.

Olha mais uma vez para o “amanhã” da tabuleta de advertência sobre venda a prazo. Ao sair julga ser, ele mesmo, o próprio dizer daquela mensagem. Tudo fica para o dia seguinte. Nanja de melhoras. Os passos cadenciados, numa marcha um-dois que parece nunca ter fim, o empurram repetindo: Insistente até quando? Resistente até onde?

### **Livros publicados:**

- ◇ Pai, um conto sem ponto – 2015.
- ◇ Alguns contos, uns casos – 2017.
- ◇ Cais e filhos – 2018.
- ◇ A lavadeira e outros contos – 2018.
- ◇ Dois meninos – 2019.
- ◇ Se essa rua fosse minha – 2021.
- ◇ O morro encantado e outras histórias – 2021.
- ◇ O cosmogenista – 2022

### **Participação em antologias:**

- ◇ Belo Horizonte 24 autores – 2012.
- ◇ O velho matemático e o pão milagroso – 2013.
- ◇ Conto e pronto – 2013.
- ◇ O começo e o fim – 2013.
- ◇ Revista Imprensa na Praça – 2013.
- ◇ Cumplicidade de movimentos – 2014.
- ◇ Ditados, provérbios e ditos populares – 2015.
- ◇ Rede de palavras - 2015.
- ◇ O Varal – 2018.
- ◇ Seleção na Praça – 2019.
- ◇ O boi zebu e as formigas – 2020.
- ◇ Antologia AGLAC – 2021
- ◇ Contato – 2021
- ◇ Mitologia – 2022

### **Prêmios/Menções:**

- ◇ Primeiro lugar no Concurso de Poesia e Contos Cidade de Penedo / 2011 – AL.
- ◇ Vencedor do Concurso Nacional de Contos SENAC/ Livro de Graça na Praça 2012 / Belo Horizonte – MG.
- ◇ Ganhador do 7º Concurso Nacional de Contos Fecomercio/LGP – 2013 / Belo Horizonte – MG.
- ◇ Menção Honrosa no 5º Concurso de Contos e Poesias, Temática Espírita 2013 / Jacareí – SP.
- ◇ III Concurso Literário Erotismo com Arte 2013 / Rio de Janeiro – RJ.
- ◇ Iº concurso literário O Velho Matemático 2013 / Brasília – DF.
- ◇ Iº Festival de contos do Rio de Janeiro 2013 / Rio de Janeiro – RJ.
- ◇ LITERARTE/Nucleo Letras Y Artes Buenos Aires 2014 / Buenos Aires – AR.
- ◇ Iº Concurso Nacional de Contos da Academia Gonçalense de Letras, Artes e Ciências 2021 – RJ.
- ◇ Prêmio LER É LEGAL. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios 2022 / Brasília – DF.

Este livro foi composto no primavera de 2022, com a fonte Bookman Old Style tamanho 12/18 impresso em Polén 90g na Formato Artes Gráficas.



## **Fabiano A. Salim**

nasceu em Patos de Minas. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais, onde estudou no Grupo Escolar Honorato Borges e Colégio Estadual Dom Lustosa. Cursou engenharia Agrônoma na Universidade Federal de Viçosa onde também fez mestrado Extensão Rural.

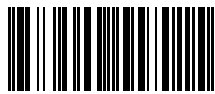
Publicou seu primeiro livro em 2015. Este é o oitavo. Recebeu diversos prêmios literários. Contato com o autor:

**[fabianosalim@gmail.com](mailto:fabianosalim@gmail.com)**

No inverno, atacado pelo rigor da seca, o ar repousa poeira em tudo, deixando a paisagem borrifada de um monótono marrom acinzentado. É justamente quando certa árvore se esbalda, floração bellíssima, casco grosso que originou, em tupi, o nome ipê. Se despida de flores, apenas sacode ao vento suas folhas, desnotadas por passantes. Sim! É no frio que suas cores aquecem nossos olhos, se mostram soberanas, beleza de flores tanto nos galhos quanto esparramadas pelo chão, mantos em amarelo, branco, roxo, rosa.

Extraído do conto

## **O Ipê Encantado**



ISBN 978-65-00-55701-5

